

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

LUANA DOS SANTOS LIMA

**O SENSÍVEL E O DIZÍVEL: A CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS A PARTIR DA
IMAGEM.**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO
2015

LUANA DOS SANTOS LIMA

**O SENSÍVEL E O DIZÍVEL: A CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS A PARTIR DA
IMAGEM.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Licenciado em Letras Português-Inglês da UTFPR
– Câmpus Pato Branco.

Orientadora: Prof^ª Dra. Márcia Andrea dos Santos.

PATO BRANCO
2015



Ministério da Educação
 Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Câmpus Pato Branco
 Departamento Acadêmico de Letras
 Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



**DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
 LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **LIMA, Luana dos Santos**

Título: **O sensível e o dizível: a construção de significados a partir da imagem**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 26/06/2015, com

NOTA 50 (dez) pela comissão julgadora:

Prof.ª Dra. Márcia Andrea dos Santos – UTFPR Pato Branco
 Orientador(a) e Presidente da Banca

Prof.ª Dra. Maria Ieda Almeida Muniz – UTFPR Pato Branco
 Membro da Banca Examinadora

Prof. Me. Darcí Zuffo – UTFPR Pato Branco
 Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier
 Coordenador do Curso de Letras
 Câmpus Pato Branco

Prof. Dr. Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier
 Coordenador do Curso de Letras Português/Inglês

Prof.ª M.ª Rosângela Aparecida Marquezi
 Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
 Portaria n.º 023, de 11/02/2014

“A folha de aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso”.

Este trabalho é dedicado àqueles que se preocupam com a saúde, segurança da criança.

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho primeiramente a Deus. À minha família, pelo apoio e dedicação durante a jornada acadêmica. A minha orientadora Prof^a Dra. Márcia Andrea Santos, pela orientação, dedicação e paciência durante todo procedimento. Agradeço a todos professores por proporcionarem o conhecimento não apenas racional, mas a expressão do caráter e afetividade durante o processo educacional. A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, muito obrigada.

[...] a pessoa que está aberta à esperança, dispõe de um grau de liberdade maior, tem possibilidade de modificar sua trajetória biográfica e é capaz de aperfeiçoar-se a si mesma.

Polaino-Lorente

RESUMO

LIMA, Luana. S. **O sensível e o dizível: a construção de significados a partir da imagem.** 2014. Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Licenciatura em Letras Português - Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2014.

Este trabalho tem por finalidade realizar uma análise discursiva dos significados criados pelos sujeitos a partir da imagem fotográfica sobre a violência na infância. A metodologia desta pesquisa aplicou para isso uma entrevista semiestruturada. O material de análise foi exposto para indivíduos adultos que discorreram sobre as significações que dão ao objeto ora analisado. Trata-se de uma análise do processo discursivo motivado pelas leituras e interpretações feitas pelos sujeitos por meio de imagens. A realização deste trabalho fundamenta-se na teoria semiótica e do discurso, e da estrutura discursiva, já que a imagem passa pelo olhar de um sujeito. A problemática do presente estudo consiste em saber: **como se dá a participação do sujeito leitor na formação de sentidos da fotografia?** Sendo assim o objetivo do estudo consiste em realizar uma análise discursiva dos significados criados pelos sujeitos a partir da imagem fotográfica sobre a violência na infância. Os objetivos específicos desta pesquisa são: descrever os principais conceitos da teoria dos signos, caracterizar a semiótica, compreender as relações entre a linguagem verbal e não verbal a partir da leitura das imagens. O fato de vivermos rodeados de imagens, as quais possuem várias significações, e sendo a fotografia formadora de opinião, fazendo dela um objeto de interesses ideológicos capazes e persuadir o público, levou-me a escolher a análise da fotografia. Nas análises deste estudo, revelou-se grande subjetividade, esta não segue um padrão, ela sofre influências da cultura e das experiências adquiridas pelo sujeito, comprovando que realmente uma fotografia remete várias significações.

Palavras-Chave: Fotografia. Semiótica. Significado.

ABSTRACT

LIMA, Luana. S. **The sensitive and the speakable: the construction of meaning through the image.** 2014. Work Completion of course - Graduate Degree in Portuguese Language - English, Federal Technological University of Paraná. Pato Branco, 2014.

This research was conducted to perform a discursive analysis of the meanings created by the subjects from the photographic image of violence in childhood. The methodology of this research applied to this a semi-structured interview and the analysis material was exposed to adults who spoke about the meanings that give the object analyzed. It is an analysis of the discursive process motivated by the readings and interpretations made by the subjects in pictures. This work is based on the semiotic theory of discourse and discursive structure, since the image passes through the eye of a subject. The problem identified is summarized is the following question: **how does the participation of the reader in the formation of meanings of photography happen?** Thus the aim of the study is to conduct a discursive analysis of the meanings created by the subjects from the photographic image of violence in childhood. The specific objectives of this research are: to describe the main concepts of the theory of signs, characterizing semiotics, to understand the relationships between verbal and non-verbal language from reading the images. The fact that we live surrounded by images, which have several meanings, and being the trainer of photography opinion, making her an object of ideological interests and able to persuade the public, led me to choose the analysis of the photograph. In the analyzes of this study, it proved to be great subjectivity, this does not follow a pattern, it is influenced culture and the experiences gained by the subject, proving that a picture really refers many meanings.

Keywords: Photography. Semiotics. Meaning.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	29
Figura 2	33
Figura 3	37
Figura 4	41
Figura 5	45

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
1 INTRODUÇÃO.....	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 SEMIÓTICA E SUAS DEFINIÇÕES.	13
2.1.1 Signo e suas significações	15
2.2 O VERBAL E NÃO-VERBAL.....	17
2.2.1 Semiótica da imagem	18
2.2.2 Semiótica da fotografia.....	20
2.3 CATEGORIA DA CONSCIÊNCIA	23
2.4 SUBJETIVIDADE E LINGUAGEM.....	27
3 ANÁLISE, RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	29
3.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	29
3.1.1 Classe e cor na leitura de imagens: representação negativa de raça.....	32
3.1.2 O distanciamento da realidade dos sujeitos.....	35
3.1.3 A sensibilidade do não verbal reproduzida no verbal.....	39
3.1.4 As diferentes aceitações da disciplina como violência.....	44
3.1.5 A proximidade do problema: a indignação evidente.....	48
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
5 REFERÊNCIAS	51
APÊNDICE A	52
APÊNDICE B.....	54

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que o ser humano é um ser de linguagem, ou seja, um ser de discurso, o homem significa através de seus comportamentos. Ao olhar uma fotografia várias significações lhe vêm à mente. O fato de a fotografia ser formadora de opinião, fazendo dela um objeto de interesses ideológicos capazes de persuadir o público, levou-me a escolher a análise da fotografia.

O tema a ser analisado é, infelizmente, uma realidade em nosso país. De acordo com o Ministério da Saúde (2014) a violência que aflige crianças na realidade brasileira é de tanta importância que mobiliza todos os setores da sociedade, já sendo reconhecida como relevante problema de saúde pública.

Através de uma reflexão teórica sobre a linguagem não verbal contida na fotografia este estudo pretende analisar o processo discursivo motivado por imagens e suas várias possibilidades de leitura e interpretações.

A realização deste trabalho fundamenta-se na teoria semiótica e do discurso, que estuda o percurso gerativo do sentido e da estrutura discursiva, que trata dos sistemas de valores, ou ideologias, já que a imagem passa pelo olhar de um sujeito, sua sensibilidade, suas leituras e constituição de significações.

Não é difícil encontrarmos imagens que a imprensa, ou grupos interessados se encarregam de atribuir um determinado significado com o propósito de criarem realidades e verdades. Resta-nos, portanto, escolher entre buscar apenas olhar a fotografia e ficar com as impressões que tivemos de imediato, com aquelas que o sujeito que escolheu a quer que tenhamos, ou ainda simplesmente atribuímos significados à imagem pelo texto verbal destinado a ela ao invés de buscar analisá-las com um olhar mais crítico, pois uma foto pode possuir várias significações.

A problemática do presente estudo consiste em saber: **como se dá a participação do sujeito leitor na formação de sentidos da imagem?**

Sendo assim o objetivo do estudo consiste em realizar uma análise discursiva dos significados criados pelos sujeitos a partir da imagem fotográfica sobre a violência na infância.

Ademais, busca-se tratar os seguintes objetivos específicos:

- a) Descrever os principais conceitos da teoria dos signos;
- b) Caracterizar a semiótica;
- c) Compreender as relações entre a linguagem verbal e não verbal a partir da leitura das imagens.

A Semiótica é um instrumento fundamental para a qualificação do trabalho dos docentes, pois traz consigo um domínio de muitos conhecimentos, onde o homem passa a interagir com os signos presentes. Dessa maneira, acredita-se que a análise da imagem possa auxiliar na capacitação do aluno para que aprenda analisar as especificidades de uma imagem, não perdendo a ótica sobre a qual elas estão inseridas, mas percebendo as particularidades em um sentido socialmente construído.

As produções linguístico-discursivas dos sujeitos investigados poderão auxiliar na compreensão da relação entre a imagem sobre a violência e a verbalização da subjetividade. Dessa maneira, poderemos compreender como se constituem socialmente os significados, em especial o que está implicado na divulgação de certas imagens, cito como exemplo a mídia, as imagens que essa dispõe em programas alteram, sugerem, moldam ou incitam comportamentos.

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo que segundo Minayo (2001, p. 21) consiste em “Identificar o grau de conhecimento dos sujeitos envolvidos, as opiniões, impressões, seus hábitos, comportamentos [...]”. Ou seja, este método oferece informações de natureza mais objetiva e aparente. Seus resultados podem refletir as ocorrências de seus segmentos, de acordo com a amostra com a qual se trabalha.

A abordagem da pesquisa qualitativa incide em analisar o tema que o pesquisador está trabalhando, sem que, com isso seja necessário chegar a certas respostas tidas como absolutas, ou seja, não tem por objetivo evidenciar verdades absolutas. Neste mesmo contexto, a pesquisa qualitativa tem por finalidade criar possibilidades de percepções subjetivas no que se refere aos dados obtidos e descritos e na pesquisa.

O procedimento metodológico para a realização da pesquisa seguiu alguns passos como: seleção de fotos (na internet que versam sobre a violência infantil no Brasil). Após selecionar as imagens, as mesmas foram mostradas a sujeitos adultos escolhidos aleatoriamente. Depois de mostrada as fotos, os sujeitos responderam a uma entrevista semiestruturada sobre a significação das imagens escolhidas.

A partir da leitura dos sujeitos foi realizada a transcrição da entrevista e a análise das produções linguístico-discursivas de cada sujeito participantes em relação a cada foto observada. Após fez-se a organização das categorias, e análises propriamente ditas.

A primeira foi sobre classe e cor na leitura de imagens, uma representação negativa de raça, neste tópico os sujeitos da pesquisa, revelaram suas subjetividades sobre a questão da raça, revelando que, na leitura feita, o negro é considerado uma pessoa pobre, que participa de projetos sociais. Em sequência tratou-se sobre o distanciamento da realidade dos sujeitos na concepção da foto, revelando que o fato transmitido na imagem estava longe da realidade dos sujeitos. Após isso se fez uma verificação da sensibilidade do não verbal reproduzida no verbal. Na figura 4 estudaram-se as diferentes aceitações da disciplina como violência, verificando que um puxão de orelha, para alguns pode significar disciplina, mas para alguns sujeito é considerado uma violência que gera marcas. Por fim, observou-se que a proximidade do problema causou uma indignação evidente nos sujeitos entrevistados.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 SEMIÓTICA E SUAS DEFINIÇÕES.

Esta seção limitar-se-á à exploração de, apenas alguns estudos sobre a linguagem não-verbal, mais especificadamente da fotografia. Para isso é de grande importância a definição de Semiótica, segundo seus principais estudiosos.

Em seus estudos Santaella (1990) nos mostra que o uso da língua que falamos se tornou algo tão natural e integrado a nós, que normalmente nos desapercebemos de que esta não é a única forma de linguagem que somos capazes de produzir, ou seja, não é preciso ver, ouvir, ler para que possamos nos comunicar uns com os outros.

Segundo a autora “A Semiótica ou lógica, por outro lado, tem por função classificar e descrever todos os tipos de signos logicamente possíveis. Isso parece dotá-la de um caráter ascendente sobre todas as ciências especiais, dado que essas ciências são linguagens.” (SANTAELLA, 1990, p.39)

Umberto Eco em seu livro *Tratado Geral de Semiótica*, mostra a definição de Semiótica segundo outro pioneiro dos estudos da semiótica contemporânea, Saussure. Para Saussure (1916, apud ECO, 1980) “a língua é um sistema de signos que exprimem idéias, e, por isso, é confrontável com a escrita, o alfabeto dos surdos-mudos, os ritos simbólicos, as fórmulas de cortesia, os sinais militares, etc.” Para ele a Semiótica é a ciência que estuda os signos em relação à vida social, ela pode revelar do que consistem os signos e quais são as leis que os regem.

Saussure define o signo como uma entidade de duas faces (significante e significado). Sendo significante a parte material do signo e por significado o conceito veiculado por essa parte material, a imagem mental por ela fornecida. Entretanto, ele jamais deixou claro o significado, apenas deixando-o como uma imagem mental, um conceito e uma realidade psicológica. Associando com o fato de que o significado está ligado às atividades mentais de um indivíduo na sociedade.

Eco também traz a definição de Semiótica segundo Peirce. “Por semiose entendo uma ação, uma influência que seja ou co-envolva uma cooperação de três entidades, como por exemplo um signo, o seu objeto e o seu interpretante, tal influência tri-relativa não sendo jamais passível de resolução em uma ação entre duplas” Peirce (1931, apud ECO, 1980). Observamos que as entidades do estudo de Semiose de Peirce não são necessariamente humanos, e sim, três abstratas entidades semióticas. Um signo, ou, é aquilo que, sob certo

aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, criando, na mente desta pessoa, um signo equivalente (ECO, p. 10).

Retomando Santaella, temos por semiótica “uma ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno de produção de significação e de sentido” (SANTAELLA, 1990, p.15). Tendo um campo de investigação tão grande que é possível cobrir o que chamamos de vida, sendo a vida uma espécie de linguagem, visto que para se ter uma noção de vida é necessário a existência de informação do sistema biológico (SANTAELLA, p.16).

Apesar de a Semiótica possuir um vasto campo de abrangência, pode-se dizer que ele não é indefinido, a Semiótica busca analisar os fenômenos, de qualquer espécie, revelando sua linguagem, sua ação de signo.

Com base nos estudo de Lopes (1976) tudo que aprendemos, transformamos e transmitimos da cultura ocorre através das práticas sociais. Essas práticas sociais são organizadas para que por meio delas seja expressa a cultura das diversas comunidades humanas, assumindo a condição de sistema de signos para que ocorra a transferência de culturas entre os indivíduos, entre as gerações. “A ciência que estuda os sistemas de signos quaisquer que eles sejam e quaisquer que sejam as suas esferas de utilização, chama-se Semiologia ou semiótica” (LOPES, 1976, p. 15).

A Semiótica não estuda, como se vê,

[...]nenhum tipo de realidade natural, mas sim a realidade cultural de uma comunidade, todas as espécies de sistemas sígnicos que o homem construiu ao longo dos séculos. O objeto da semiótica é estudar um conhecimento da realidade fenomênica, tal como ele se espelha nos diferentes sistemas linguísticos que recriam – no sentido literal, criam de novo – essa realidade. Os mitos e os quadros de pintura, o alfabeto Morse e os sistemas de relações de parentesco, os cardápios e as peças musicais, as modas indumentárias e os processos de adivinhação, as instituições, como o direito e os jogos desportivos possuem todo uma série de propriedades específicas que os investe, de um papel social: são todos linguagens no sentido mais vasto da palavra. Essas linguagens são capazes de expressar, sob diferentes modalidades de substâncias, significantes, o mesmo significado básico, todos esses sistemas sígnicos exprimem aspectos de uma particular modelização do mundo[...] (LOPES, 1976, p. 16).

Para (SANTANELLA, 1990) a Semiótica é a ciência que estuda os signos em relação à vida social, ela pode revelar do que consistem os signos e quais são as leis que os regem. A semiótica busca estudar a realidade cultural de uma comunidade, assim ela faz uma análise dos sistemas sígnicos que o homem desenvolveu com o passar dos anos.

Sendo a semiótica uma ciência que estuda todos os tipos de linguagem, no próximo tópico se estabelecerá as diferenças entre as linguagens verbais e não-verbais.

2.1.1 Signo e suas significações

A ciência que estuda os sistemas de signos é a Semiótica. A Semiótica estuda a realidade cultural de uma comunidade, se responsabilizando em analisar todos os sistemas sógnicos que o homem desenvolveu durante a história.

Edward Lopes (1976) em seus estudos sobre a Semiótica frisa que a relação entre o homem e o mundo é permeada pelo pensamento e a relação entre um homem e outro homem, dentro da sociedade, é mediada pelos signos.

“Os signos são, por um lado, suportes exteriores e materiais da comunicação entre as pessoas e, por outro lado, são o meio pelo qual se exprime a relação entre o homem e o mundo que o cerca” (LOPES, 1976, p. 16). Segundo este mesmo autor, a organização social dessas mediações atribui às linguagens a função de sistemas modelizantes.

O autor traz também os três pontos de vista sobre os sistemas de signos, segundo Charles Sanders Peirce e Charles Morris:

- (a) do ponto de vista das relações inter-sígnicas, ou seja, do ponto de vista das relações que um signo qualquer mantém para com os demais signos pertencentes ao mesmo enunciado. Seria o estudo da função sintática.
- (b) do ponto de vista das relações de um signo para com o seu objeto, ou melhor, relação do signo enquanto veículo de informação para com o seu denotatum. Seria o estudo da função semântica;
- (c) do ponto de vista das relações do signo para com os seus usuários, quer dizer, relação do signo com o remetente e o destinatário. Seria o estudo da função pragmática. (LOPES, 1976, p. 17).

Esses subcomponentes sintático, semântico e pragmático estão em hierarquia: o nível semântico abrange o nível sintático, que por sua vez, é englobado pelo nível pragmático. Tornando a Pragmática uma camada complexa e abrangente da Semiótica.

Lopes (1976), nos lembra que um domínio crucial do signo é o fato dele comportar-se tanto como signo-objeto, quando substitui o objeto do qual esse signo é signo, quanto se comporta como meta-signo, quando substitui não já um objeto de forma direta, mas outros signos. O autor nos dá um exemplo:

Se alguém realiza um filme baseado num romance, pratica uma operação de transcodificação na qual o romance é a língua-objeto traduzida, e o filme é a

metalíngua tradutora. Essa primeira transcricodificação pode ser seguida por outras; se eu vi o filme do exemplo acima, posso, digamos, contá-lo com minhas próprias palavras, a um amigo que não o tenha visto. Nesse caso, o filme, que era a metalíngua tradutora do romance, passa a ser língua-objeto para a nova metalíngua que é a minha narração do filme (segunda transcodificação). (LOPES, 1976, p. 18, 19).

Isso revela que qualquer modalidade de sistema semiótico está formada de signos dotados desse domínio de semiose ilimitada, facilitando a comunicação entre as pessoas, pois as mesmas sabem do que estão falando. Os sistemas semióticos são modelizantes, porque imprimem nos indivíduos de um mesmo grupo social um mesmo modelo de mundo, e também são modelizáveis, pois eles se convêm reciprocamente porque, não fazem mais do que simular as funções e propriedades do sistema primário, que é constituído por uma língua natural, de acordo com (LOPES, 1976, p. 19).

Lopes revela que as chamadas línguas naturais possuem uma posição hierárquica evidente entre todos os sistemas semióticos, devido ao fato de integrar uma realidade imediata para o pensamento de cada sujeito. Sendo um código único de tradução para qualquer sistema semiótico.

Santaella (1990) relata que existe uma grande quantidade de definições para signos, feitas por Pierce. Porém uma delas se torna mais adequada para o objetivo do presente estudo:

Um signo intenta representar, em parte pelo menos, um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo se o signo representar seu objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente, de tal modo que, de certa maneira, determine naquela mente algo que é mediamente devido ao objeto. Essa determinação da qual a causa mediata é o objeto, pode ser chamada o Interpretante (SANTAELLA, 1990, p. 78)

Sendo assim, a autora mostra que o signo é uma coisa que representa uma outra coisa, ou seja o seu objeto. O objeto só deve ser considerado um signo se conseguir representar ou substituir uma outra coisa, o signo não é o objeto, pois ele está no lugar do objeto.

Segundo Coelho Neto em seu livro *Semiótica, Informação e Comunicação* “ signo é tudo aquilo que representa outra coisa, ou melhor, na descrição de Charles S. Peirce, é algo que está no lugar de outra coisa.” (NETO, 1983, p. 20). Este mesmo autor traz a teoria de Saussure que diz que o signo pode ser analisado em duas partes:

O conceito e a imagem acústica. As palavras faladas de uma língua apresentam-se como imagens acústicas que trazem à tona, quando manifestadas, um determinado conteúdo ou conceito. As designações “imagem acústica” e “conceito” foram substituídas, ainda na própria teoria saussuriana, por outras que tornam mais evidente a oposição que as separa e que permitem uma aplicação mais adequada quando o signo não é vocalizado. No lugar daquelas propôs-se, respectivamente, significante e significado. (NETO, 1983, p. 20)

Sendo o significante a parte material do signo e o significado o conceito veiculado por essa parte material. A significação de um signo não deve ser confundida com o significado desse mesmo signo, pois “o significado é o conceito ou a imagem mental que vem na esteira de um significante, e significação é a efetiva união entre um certo significado e um certo significante.” (NETO, 1983, p. 22). Podendo dizer-se que o significado está no domínio da língua sendo uma questão individual, já a significação, está no domínio do uso.

2.2 O VERBAL E NÃO-VERBAL

Esse tópico tem por objetivo a análise sobre as linguagens verbais e não- verbais. Para que essa diferença seja estabelecida é necessário que fique claro a diferença entre o que é língua e linguagem.

Tão natural e evidente, tão profundamente integrado ao nosso próprio ser é o uso da língua que falamos, e da qual também fazemos uso para escrever – língua nativa, materna ou pátria, como costuma ser chamada - , que tendemos a nos esquecer de que esta não é a única e exclusiva forma de linguagem que somos capazes de produzir, criar, reproduzir, transformar e consumir, ou seja, ver-ouvir para que possamos nos comunicar uns com os outros. (SANTAELLA, 1990, p. 11).

Santaella (1990) mostra que o aparente domínio que a língua causa nos sujeitos, faz com que os mesmos se esqueçam que o fato de estarem no mundo, como indivíduos sociais, interfere que se comuniquem através da leitura e/ou produção de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; que além de ser leitor, o sujeito também é produtor de dimensões e direções de linhas, traços, cores, etc.

Ou seja nos comunicamos de diversas formas, como através de: imagens, fotos, gestos, sinais, números, etc. Todas estas plurais linguagens constitui o sujeito como um ser simbólico. A ideia de que a língua é uma forma exclusiva de linguagem é errônea. Como nos diz a autora:

Em síntese: existe uma linguagem verbal, linguagem de sons que veiculam conceitos e que se articulam no aparelho fonador, sons estes que, no Ocidente, receberam uma tradução visual alfabética (linguagem escrita), mas existe simultaneamente uma enorme variedade de outras linguagens que também se constituem em sistemas sociais e históricos de representação do mundo. (SANTAELLA, 1990, p. 13).

Dessa forma, quando se fala em linguagem, não é correto pensar-se simplesmente em língua, mas as diversas formas sociais de comunicação e de significação, incluindo a linguagem verbal, a linguagem dos surdos-mudos, o sistema de códigos da moda, da culinária, entre outros. “Todos os sistemas de produção de sentido aos quais o desenvolvimento dos meios de reprodução de linguagem propiciam hoje uma enorme difusão” (SANTAELLA, 1990, p. 13).

O termo linguagem vai além da comunicação humana, pois temos máquinas que se comunicam entre si e com os homens, as chamadas linguagens binárias, ou aquela linguagem em que a natureza fala ao homem e é sentido como linguagem. Nota-se realmente que a linguagem vai muito além do que apenas a língua natural, materna ou pátria, os seres humanos, máquinas, a natureza, os sonhos, também se estruturam como linguagem.

No livro *Tratado Geral de Semiótica*, Umberto Eco também trata sobre o verbal e o não-verbal, para ele a linguagem verbal poderia ser definida como a maneira mais própria pela qual o homem traduz especularmente os seus pensamentos bem como o artifício semiótico mais poderoso, mas para tornar-se mais poderoso do que já é, deve valer-se da ajuda de outros sistemas semióticos, como o não-verbal. O autor relata:

É difícil conceber um universo em que seres humanos se comuniquem sem linguagem verbal, limitando-se a gesticular, mostrar objetos, emitir sons informes, dançar; mas é igualmente difícil conceber um universo em que os seres humanos emitam só palavras. (ECO, 1980, p. 154)

Ou seja, para se fazer uma análise semiótica é preciso incluir todos os tipos de signos, que são tão legítimos quanto as palavras. Devido a isso, os tópicos a seguir irão tratar sobre a semiótica da imagem e da fotografia.

2.2.1 Semiótica da imagem

O conceito de imagem se divide num campo semântico determinado por dois polos contrapostos. Um descreve a imagem direta percebível ou até mesmo existente. “O outro contém a imagem mental simples, que na ausência de estímulos visuais, pode ser evocada.

Essa dualidade semântica das imagens como percepção e imagem se encontra profundamente arraigada no pensamento ocidental” (SANTAELLA; NOTH, 1999, p. 33).

A qualidade sígnica da imagem, sua função cognitiva, seu contexto linguístico, a semiótica da imagem e suas manifestações em diferentes mídias são temas discutidos neste item.

As imagens podem ser observadas tanto na qualidade de signos que representam aspectos do mundo visível quanto em si mesmas, como figuras puras e abstratas ou formas coloridas. A diferença entre ambas as maneiras de observação se refletirá, na semiótica da imagem, na dicotomia signos icônicos VS. Signos plásticos (SANTAELLA; NOTH, 1999, p. 37).

A imagem como semelhança de signo retratado pertence à classe dos ícones, observando que se imagens representadas são determinadas como ícones, por outro lado, nem todos os signos icônicos são imagens visuais. “Realmente, a categoria de ícone é concebida por Pierce de forma mais geral e compreende também formas não visuais.” (SANTAELLA; NOTH, 1999, p. 37,38).

Por outro lado, as imagens como signos plásticos, possibilitam a análise semiótica de imagens que não representam coisa alguma, mas também imagens icônicas podem ser consideradas como signos plásticos. Os autores explicam a diferença da seguinte forma: “Isto é azul ou isto representa a cor azul. Na primeira hipótese, trata-se de um signo plástico, na segunda, de um signo icônico”. (SANTAELLA; NOTH, 1999, p.38). O signo plástico seria um signo completo com expressão e conteúdo próprios.

Para Gombrich (1960, apud SANTAELLA; NOTH, 1999) “a percepção da representação visual não se baseia somente em uma capacidade inata do homem, como por exemplo, a visão de espaços representados em perspectiva deve ser primeiramente aprendida”. (SANTAELLA; NOTH, 1999, p. 41). Este autor ainda destacou o papel da natureza e da convenção dentro da percepção da imagem. Desenvolvendo seus argumentos utilizando o exemplo das condições perceptivas em fotografia e microscópio.

Por um lado, segundo Gombrich (1981:278), a foto não é uma réplica simples da realidade em questão, mas sim uma transformação visual que deve ser novamente interpretada pelo observador a fim de assegurar a informação necessária. Por outro lado, as fotografias não são necessariamente signos “prontos” arbitrários: “Elas não são arbitrárias, pois a escala de ‘claro’ para ‘escuro’, vista como motivo, assim aparece na fotografia, mesmo quando a envergadura não é a mesma.” (SANTAELLA; NOTH, 1999, p. 41).

Outra prova que Gombrich traz a respeito da não-arbitrariedade é o fato de preferirmos ler as fotos como positivo, e não negativo. Concluindo que:

O aprendizado da leitura de uma fotografia parece ser completamente diferente daquele relativo a um sistema de código arbitrário. [...] O consequente contraste entre natureza e convenção é falso. Trata-se muito mais de uma habilidade contínua que, para algumas pessoas, é naturalmente apreensível e, para outras, o é com grande dificuldade, o que faz com que ninguém dela se aproprie. (SANTAELLA; NOTH, 1999, p. 41).

Um outro argumento usado por Gombrich para comprovar a não-arbitrariedade das imagens, é a evolução da natureza, que programou o ser humano biologicamente, fazendo com que ele tivesse que aprender no seu mundo o que lhe é vantajoso, tanto para sua vida como para sua sobrevivência. Dessa forma fomos programados a procurarmos objetos que nos são necessários e cujas configurações nos agradam mais que outras. Sendo assim, “segundo o autor, a nossa capacidade de reconhecer um objeto parece estar ligada à sua relevância biológica”. (SANTAELLA; NOTH, 1999, p. 41,42).

Sobre a autonomia da imagem Santanella e Nöth (1999), trazem a semiótica geral de Bense (1971). Este autor parte do pressuposto de que todo objeto de percepção é constituído por uma unidade de cor e forma.

As unidades de percepção visual (perceptemas) são compostas por elementos de cor e de forma, os cronemas e os formemas. Os primeiros são todas as cores diferenciáveis, os últimos elementos geográfico-topológicos, como pontos, linhas, áreas ou corpos. (SANTAELLA; NOTH, 1999, p. 47).

A proposta de Bense sobre a linguagem da imagem é que, formemas e cronemas se unem, em um signo visual, assim como, na língua, sujeito e predicado se unem em uma declaração sobre “objeto” e “qualidade”.

2.2.2 Semiótica da fotografia

Segundo Santanella e Nöth (1999), temos que para a semiótica as representações cognitivas são signos e operações mentais, que ocorrem na forma de processos sígnicos.

Ainda baseando-se nesses autores a semiótica da fotografia se baseia na semiótica da imagem. A característica semiótica mais notável da fotografia é que, por um lado, ela

reproduz a realidade através de uma aparente semelhança; por outro, ela tem uma relação causal com a realidade.

Uma foto funciona ao mesmo tempo como ícone e índice. Termos descritos no livro *Semiótica, Informação e Comunicação* de Coelho Neto.

Ícone é o símbolo que tem alguma semelhança com o objeto apresentado. Exemplos de signos icônico: escultura de uma mulher, uma fotografia de um carro, e mais genericamente um diagrama, um esquema. [...] Índice é um símbolo que se refere ao objeto denotado em virtude de ser diretamente afetado por esse objeto. Ex: fumaça é o símbolo indicial do fogo, um campo molhado é sinal de que choveu, uma seta colocada num cruzamento é índice do caminho a seguir: são índices, ainda, um pronome demonstrativo, uma impressão digital, um número cardinal (COELHO NETO, 1983, p. 58).

Nos estudos da Semiótica da fotografia percebemos que, existe uma relatividade semântica da foto, que se refere ao fato de que a percepção de imagens fotográficas possui elementos culturais.

Tomando como exemplo a mídia, sabemos que nada é veiculado sem que haja um controle, interno ou não, sobre as informações distribuídas. Os sistemas de controle funcionam em função dos poderes que a mídia possui com as informações e pela relação dela com outros poderes.

Barthes (apud 1980 SANTAELLA e NÖTH 1999) é um dos autores mais conhecidos da semiologia francesa, ele foi quem mais se envolveu nas discussões sobre a fotografia. Barthes leva em conta uma característica fundamental das fotos o fato, que a fotografia é “uma mensagem sem código” como uma “analogia mecânica da realidade”, a foto apresenta certa “perfeição e plenitude de analogia” (SANTAELLA; NOTH, 1999, p. 112) que ela parece conter uma mensagem meramente denotativa, já que nada parece ser complementável com conotações. Apesar disso, uma foto de imprensa é “trabalhada, escolhida, produzida, construída e editada de acordo com normas profissionais, estéticas e ideológicas, que contêm fatores conotativos”, (SANTAELLA; NOTH, 1999, p. 112) apesar disso, conotações são sempre derivadas de um código, Barthes (1980 apud SANTAELLA e NÖTH 1999) chega ao entendimento que há na fotografia de imprensa, no mínimo uma mensagem análoga e não-codificada junto a uma mensagem codificada. Para Barthes (1980 apud SANTAELLA e NÖTH 1999), o paradoxo estrutural da fotografia reside no fato de que uma mensagem conotada (ou codificada) pode desenvolver-se a partir de uma mensagem sem código.

Lindekens (1978 apud SANTAELLA e NÖTH 1999) descreve que a imagem fotográfica se apresenta como uma mensagem multicodificada. Sendo que, junto com a verdadeira informação icônico-fotográfica, a foto transmite outras mensagens que já

apresentam suas próprias codificações biossociais, psicossociais, simbólicas, retóricas ou linguísticas no nível da realidade representada.

Santaella e Noth (1999) demonstram que o signo é na verdade aquilo que deseja permanecer, que se quer indestrutível, ansiando pelo eterno, mesmo que a fotografia eternize um momento, sabe-se dos diversos fatores que possuem influência sobre ela, revelando que nenhum signo consegue ser completo. A vantagem do signo é que ele consegue ser mais resistente que a vida, sendo indestrutível.

Considerando então que mesmo de uma forma não verbal a fotografia pode ter em si uma forma discursiva. Como já visto em tópicos anteriores, a linguagem não se refere apenas à língua, pois existe uma variedade de outras formas sociais de comunicação e de significação.

Para Foucault (2003) a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por finalidade conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

É de nosso conhecimento que qualquer fotografia antes de ser publicada na mídia, seja em jornais, revistas, etc. São escolhidas cuidadosamente para ajudar na compreensão do leitor ou até mesmo para manipulá-lo.

Sobre este tema podemos mencionar Foucault que em A “Arqueologia do saber” diz que a formação discursiva

É cheia de estratégias, dessa maneira em discursos, como a economia, a medicina, a gramática, a ciência dos seres vivos, dão lugar a certas organizações de conceitos, a certos reagrupamentos de objetos, a certos tipos de enunciação, que formam, segundo seu grau de coerência, de rigor e de estabilidade, temas ou teorias (FOUCAULT, 2002, p. 35).

Verificamos que uma formação discursiva não ocupa todo o volume possível que lhe abrem por direito os sistemas de formação de seus objetos, de suas enunciações, de seus conceitos; ela é essencialmente lacunar, em virtude do sistema de formação de suas escolhas estratégicas.

Ainda de acordo com Foucault (2003) em uma sociedade, o poder necessita de uma delimitação formal, justificando-se de forma abstrata, para que seja aceita a nível macro social, como uma verdade universal. Então, surgem as regras do direito, surgindo, portanto, os elementos necessários para a produção, transmissão e oficialização de "verdades". Para este

autor o poder precisa da produção de discursos verdade, e para ele as pessoas, ao não confessarem a verdade, deverão encontrá-la.

É possível dizer que analisar um discurso é elucidar que nem todo texto é neutro e dito por acaso. Tal ação visa estudar como a língua se coloca e como ela vai refletir no homem, que passa da condição de indivíduo passivo, para sujeito ativo. A maneira de enunciar algo traz diferentes modos de linguagem e significados, podendo ainda haver uma série de sentidos anteriores. A linguagem constitui-se por cores, formas, gestos, palavras, corpo, sinais, entre outros, ou seja, é um conjunto de elementos que dão um significado a partir do local onde acontecem (ORLANDI, 2013).

Para Orlandi (2013) a análise do discurso, visa:

[...]fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido, A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma "chave" de interpretação, Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico, Não há uma verdade oculta a atrás do texto, Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender (ORLANDI, 2013. p. 26).

Ainda segundo essa autora o sujeito está para o discurso assim como o autor está para o texto. O que se pode perceber, é que “há na base de todo discurso um projeto totalizante do sujeito, projeto que o converte em autor” (ORLANDI, 2013, p.73). O lugar de unidade é o texto e o sujeito se integra como autor ao organizar o texto em sua unidade, com sua coerência e completude, que são imaginárias.

O discurso funciona devido a essa articulação entre o real e o imaginário. A autoria é uma função do sujeito. O discurso gerado por uma fotografia depende muito do conhecimento de mundo e do nível cultural. O discurso advindo do significado que determinado sujeito tem ao olhar determinada fotografia pode ser diferente do discurso do significado de outra pessoa ao olhar a mesma foto na em outro país, por exemplo.

2.3 CATEGORIA DA CONSCIÊNCIA

Para falarmos de consciência, vamos analisar os estudos de Lane (2006) sobre o campo da Psicologia Social. A autora relata que nós como indivíduos sociais estamos sujeitos a maneira de viver do nosso grupo de convivência, é esse grupo que irá definir nossas ações. Assim sendo:

O enfoque da Psicologia Social é estudar o comportamento de indivíduos no que ele é influenciado socialmente. E isto acontece desde o momento em que nascemos, ou mesmo antes do nascimento, enquanto condições históricas que deram origem a uma família, a qual convive com certas pessoas, que sobrevivem trabalhando em determinadas atividades, as quais já influenciam na maneira de encarar e cuidar da gravidez e no que significa ter um filho. (LANE, 2006, p. 8, 9).

Influenciados pelo seu histórico sociais, o indivíduo se faz sentir, primeiramente, pela aquisição da linguagem. As palavras, através dos significados atribuídos por um grupo social, por uma cultura, definem uma visão de mundo, um sistema de valores e, conseqüentemente, ações e sentimentos. (LANE, 2006, p.9)

A verdade é que se torna improvável encontrarmos comportamentos humanos que não incluam os componentes sociais. Sobre a consciência em si Lane (2006) nos diz que:

Se assumirmos que somos essencialmente a nossa identidade social, que ela é conseqüência de opções que fazemos devido a nossa constituição biogenética, ou temperamento, ou mesmo atrações de personalidade, como aspectos herdados geneticamente, sem examinarmos as condições sociais que, através da nossa história pessoal, foram determinando a aquisição dessas características que nos definem, só poderemos estar reproduzindo o esperado pelos grupos que nos cercam e julgados "bem ajustados". (LANE, 2006, p. 22, 23).

Para entendermos a consciência de si, precisamos refletir sobre as razões históricas da nossa sociedade, assim entenderemos o porquê agimos de determinada maneira.

A autora traz um ponto importante em sua análise, declarando que o mundo é apreendido por meio da linguagem. A linguagem não é somente expressão de um objeto, um pensamento, ela é ação, o que representa poder.

Hoje, os estudos sobre o desenvolvimento intelectual mostram como a aquisição da linguagem [...] é condição essencial para o chamado desenvolvimento intelectual, isto é, ser capaz de generalizações, abstrações, figuração, em outras palavras, superar o aqui e agora: planejando, prevendo, lembrando, simbolizando, idealizando[...] (LANE, 2006, p. 28).

Segundo Santaella e NÖTH (1999) os chamados modelos simbólicos e proposicionais da representação mental do conhecimento de mundo visual e não visual partem do pressuposto de que imagens não são realmente armazenadas de forma visual icônica, mas finalmente, na forma de símbolos digitais elementares, dos quais se originam redes de sistemas simbólicos através de regras de combinações. Por exemplo, Kintsch (1974 apud SANTAELLA e NÖTH 1999, p. 31) defende a tese de um armazenamento proposicional de todo o conhecimento, ou seja:

“A questão que surge é se representações proposicionais [...] são de fato, no nível próprio de análise para estudo da imagem e do pensamento”. O problema já é antigo [...]: ‘Como uma ideia é representada?’ Sugere-se aqui que as proposições representam idéias, e que a linguagem (ou imagery) expressa proposições, e consequentemente idéias. O pensamento ocorre no nível proposicional.” (SANTAELLA; NOTH, 1999, p. 31,32).

Já, os defensores do modelo analógico da representação cognitiva, segundo Santaella e Nöth (1999, p. 32) percebem isso de maneira diferenciada. “Somente esses modelos justificam realmente a “ideia das imagens mentais”, já que o conhecimento tem, somente de acordo com essas teorias, caráter de uma imagem como um esquema um mapa cognitivo e principalmente, como estrutura mental espacial”.

Percebe-se que as representações podem estar baseadas em fatos científicos, crenças, em sugestões publicitárias, tudo depende dos grupos sociais com os quais a pessoa convive. Concluindo-se que a linguagem existe como produto social, e é através das relações com os outros que se torna possível elaborar as representações do que é o mundo. A consciência de si ocorrerá quando o sujeito contrastar as suas ações com as dos outros grupos sociais. Sendo assim, se tornará capaz de desenvolver novas formas de agir.

Para falar das categorias da consciência, esclareçamos segundo Santaella (1990) o que Pierce, autor de tais categorias, entende por consciência:

Consciência não se confunde com razão. Consciência é como um lago sem fundo no qual as idéias (partículas de materiais da consciência) estão localizadas em diferentes profundidades e em permanente mobilidade. A razão (pensamento deliberado) é apenas a camada mais superficial da consciência. Aquela que está próxima da superfície. Sobre essa camada, porque superficial, podemos exercer autocontrole e também, porque superficial, é a ela que nossa autoconsciência esta atada. (SANTAELLA, 1990, p. 53,54).

Dessa forma a consciência não deve ser confundida com a razão, está é apenas uma parte da consciência, ficando longe de ser o todo.

“Pierce nos mostra três categorias da consciência, que não são entidades mentais, mas modos de operação do pensamento-signo que se processam na mente”. (SANTAELLA, 1990, p. 56). As três categorias são definidas em: primeiridade, secundidade e terceiridade, sendo definidas da seguinte maneira:

Primeiridade – se trata daquilo que está imediatamente presente à consciência de alguém, na sua mente no instante presente. Porém se alguém parar para pensar no seu presente, ele já não é mais presente, já foi transmutado num outro presente. É impossível tocar na consciência imediata sem estragá-la. Primeiridade é o imediato, iniciante, original, sem

unidades e nem partes. Mesmo que imperceptível qualidades e sentimentos estão a todo momento na mente humana.

Secundidade - caracteriza um mundo real, sensual, independente do pensamento, porém pensável. Qualquer sensação já é secundidade, ou seja, a ação de um sentimento sobre alguém e a reação específica desse alguém, comoção do eu para com o estímulo. É a força da inerência de um sentimento, num sujeito, qualquer relação de dependência entre dois termos é uma secundidade. Em resumo “a secundidade é aquilo que dá à experiência seu caráter factual, de luta e confronto. Uma ação e reação em nível de binariedade pura, sem o governo da camada mediadora da intencionalidade, razão ou lei”. (SANTAELLA, 1990, p.67)

Terceiridade – É a terceiridade que aproxima um primeiro e um segundo numa síntese intelectual. É a camada de inteligibilidade, ou pensamento em signos, pela qual os sujeitos representam e interpretam o mundo. Por exemplo:

O azul, simples e positivo azul, é um primeiro. O céu, como lugar e tempo, aqui e agora, onde se encarna o azul, é um segundo. A síntese intelectual, elaboração cognitiva - azul no céu, ou o azul do céu – é um terceiro. (SANTAELLA, 1990, p. 68).

Algumas das ideias de terceiridade são: generalidade, infinitude, continuidade, difusão, crescimento e inteligência. Mas a mais simples ideia de terceiridade é aquela de um signo ou representação, referindo-se ao modo com que os sujeitos, seres simbólicos, estão postos no mundo. (SANTAELLA, 1990, p.68)

Compreender, interpretar é traduzir um pensamento em outro pensamento num movimento ininterrupto, pois só é possível pensar um pensamento em outro pensamento, sendo assim:

O homem só conhece o mundo porque, de alguma forma, o representa e só interpreta essa representação numa outra representação, que Peirce denomina interpretante da primeira. Daí que o signo seja uma coisa de cujo conhecimento depende o conhecimento de uma coisa outra, o objeto do signo, isto é, aquilo que é representado pelo signo. (SANTAELLA, 1990, p. 70).

Para o sujeito, o signo é um primeiro, o objeto um segundo e o interpretante um terceiro. “No processo de conhecer e se conhecer o homem se faz signo e só interpreta esses signos traduzindo-os em outros signos”. (SANTAELLA, 1990, p.70).

2.4 SUBJETIVIDADE E LINGUAGEM

Peter Berger (2014) em seu livro *A construção social da realidade*, diz “que a linguagem pode ser definida como o sistema de sinais vocais e também ser considerada o mais importante sistema de sinais da sociedade humana”. (BERGER. 2014, p.55). E o seu fundamento encontra-se na capacidade intrínseca do organismo humano de expressividade vocal, porém para se falar de linguagem é preciso que as expressões vocais tornem-se capazes de se destacarem dos estados subjetivos imediatos “aqui e agora”. O autor explica que:

Não é ainda linguagem se rosno, grunho, uivo ou assobio, embora estas expressões vocais sejam capazes de se tornarem lingüísticas, na medida em que se integram em um sistema de sinais objetivamente praticável. As objetivações comuns da vida cotidiana são mantidas primordialmente pela significação lingüística. A vida cotidiana é, sobretudo, a vida com a linguagem, e por meio dela, de que participo com meus semelhantes. (BERGER, 2014, p. 55).

Para que exista uma compreensão da vida cotidiana é essencial que tenha uma compreensão de linguagem. A origem da linguagem pode ser face a face, mas ela pode ser facilmente destacada desta origem. Visto que, pode-se gritar no escuro ou a distância, falar pelo telefone ou pelo rádio, etc. O destacamento da linguagem consiste fundamentalmente em sua capacidade de comunicar significados que não são expressões diretas da subjetividade “aqui e agora”. (BERGER. 2014, p.55).

Na situação face a face Berger, diz que a linguagem possui uma qualidade inerente de reciprocidade, fazendo uma distinção de qualquer outro sistema de sinais.

A contínua produção de sinais vocais na conversa pode ser sincronizada de modo sensível com as intenções subjetivas em curso dos participantes da conversa. Falo como penso e o mesmo faz meu interlocutor na conversa. Ambos ouvimos o que cada qual diz virtualmente no mesmo instante, o que torna possível o contínuo, sincronizado e recíproco acesso às nossas duas subjetividades, uma aproximação intersubjetiva na situação face a face que nenhum outro sistema de sinais pode reproduzir. Mais ainda, ouço *a mim mesmo* à medida que falo. Meus próprios significados subjetivos tornam-se objetiva e continuamente alcançáveis por mim e *ipso facto* passam a ser “mais reais” para mim. (BERGER. 2014, p.56).

Dessa maneira percebe-se que a linguagem torna mais real a subjetividade não somente para o interlocutor, mas também quando escuto a mim mesmo.

Segundo Berger, a linguagem é capaz de transcender completamente a realidade da vida cotidiana, pois pode referir-se a experiências pertencentes a áreas limitadas de significação e abarcar esferas da realidade separadas. (BERGER. 2014, p.58). Como exemplo o autor cita o fato de interpretarmos um significado de um sonho integrando-o

linguisticamente na ordem da vida cotidiana, o sonho passa a ser dotado de sentido em termo da realidade da vida cotidiana e não em termos de sua própria realidade particular.

“Qualquer tema significativo que abrange esferas da realidade, pode ser definido como um símbolo e a maneira linguística pela qual se realiza esta transcendência pode ser chamada de linguagem simbólica”. (BERGER. 2014, p.59). Berger explica da seguinte maneira:

Ao nível do simbolismo, por conseguinte, a significação linguística alcança o máximo desprendimento do “aqui e agora” da vida cotidiana e a linguagem eleva-se a regiões que são inacessíveis, não somente *de facto*, mas também *a priori*, à experiência cotidiana. A linguagem constrói, então, imensos edifícios de representação simbólica que parecem elevar-se sobre a realidade da vida cotidiana como gigantescas presenças de um outro mundo. A religião, a filosofia, a arte e a ciência são os sistemas de símbolos historicamente mais importantes deste gênero. (BERGER. 2014, p.59).

A linguagem se torna capaz não apenas de construir símbolos retirados da experiência diária, mas também de retornar estes símbolos, apresentando-os como elementos objetivamente reais na vida cotidiana. Assim sendo, o simbolismo e a linguagem simbólica tornam-se componentes essenciais da realidade do cotidiano, fazendo com que o ser humano viva em um mundo de sinais e símbolos todos os dias.

3 ANÁLISE, RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta seção tem por objetivo expor os resultados obtidos nesta pesquisa, a saber: Como se dá a participação do sujeito leitor na formação de sentidos da fotografia. Os sujeitos fizeram uma leitura das imagens selecionadas sobre a violência infantil, expondo suas subjetividades. A análise partiu de como o sujeito adulto ao ter contato com imagens sobre violência infantil descreve tais imagens.

As descrições linguísticas dos sujeitos investigados foram a base da investigação, auxiliando a compreensão da relação entre a imagem sobre a violência e a verbalização da subjetividade.

Primeiramente apresentam-se as imagens selecionadas sobre a violência infantil, em seguida as perguntas e respostas dos sujeitos, cujo nome são fictícios e por fim a análise das descrições linguísticas dos sujeitos investigados.

3.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

FIGURA 1 -



Fonte: <http://g1.globo.com/noticias/rio/0,,mul1555218-5606,00-violinista+do+afroreggae+e+enterrado+ao+som+de+asa+branca.html>

1 Que tipo de foto é essa? Ela mostra uma situação real?

Então, essa primeira foto eu acredito que... ela pode sim mostrar uma situação real, porque ela demonstra tristeza da criança. É, a tristeza ou discriminação, até um pouco me remete, a desigualdade social. É isso (SUJEITO1)

Eu creio que sim, mostra uma situação real. É uma criança que não está feliz no ambiente que ela es/ né? Ta. No momento que ela ta vivendo aqui, mesmo sendo, deveria ser um momento prazeroso, onde ela ta tocando. É, momento divertido, porque a música né. Mas, ela não está feliz, alguma coisa aconteceu com essa criança (SUJEITO2)

A primeira foto dos violinos, eu, eu vejo um menino moreno e outro mais clarinho e eu me lembro de projetos sociais, projeto lá na favela de musicalização, por exemplo. Mas eu acho que, eu acho que é uma situação real, só que o menino, um ta chorando, tocando violino e outro só olhando. Eu acho que não é uma situação real, porque da a impressão que foi montada essa foto pra mim poder responder. (SUJEITO3)

Ela parece mostrar uma situação real... É uma foto... parece ser uma foto autêntica. Com pessoas fazendo uma atividade, tocando violino. (SUJEITO4)

Sim, mostra uma situação real. De crianças que talvez... estão tendo uma oportunidade que nunca tiveram de aprender uma coisa diferente, um instrumento. Numa favela, imagino, não sei. (SUJEITO5)

2 O que sugerem/indicam/simbolizam seus principais aspectos (gestos, atitudes, expressões, cores, efeitos)?

Então, ela remete realmente a desigualdade, porque aparece, primeiro a criança negra tocando e chorando e a segunda a criança já parece uma criança de cor mais clara. Só que o ambiente que ele demonstra como se fosse um grupo cultural de crianças carentes e a emoção realmente dessa criança tem com o contato com outra coisa. (SUJEITO1)

Tristeza, dor, é... Um sentimento de tristeza, mesmo assim. (SUJEITO2)

O que simboliza pra mim? Simboliza um projeto social, porque tem um menino de cor, outro clarinho, um projeto de musicalização. Então, pra mim simboliza um projeto social. (SUJEITO3)

Pra mim passa, um, uma... parece que ela simboliza um pouco de sofrimento de certa forma e indiferença também, por outro lado. (SUJEITO4)

Me, mas pode sugerir tanta coisa. Já começo a imaginar assim, por exemplo, essa criança pode ta participando num concerto num funeral, não sei. Ou ela ta realmente lembrando dessa situação numa favela e participa de uma... de uma ONG, que trabalha com jovens em vulnerabilidade. (SUJEITO5)

3 A ação fotografada evoca um desdobramento narrativo? Como?

Sim, é... Sim, porque você pode através dessa fotografia, você pode relata a necessidade da criança, a necessidade não só do conhecer, do saber, da forma de agir, como que ela vai... / Por exemplo, assim, como o mundo é maior que a situação que a situação que ela se encontra naquele momento. (SUJEITO1)

Sim, sim. Porque através dela da para você conta ou analisa o que ta acontecendo, é... Deve-se conta uma história né? Do que essa criança ta passando. (SUJEITO2)

Sim, eu acho que evoca, isso que eu acabei de fala. De que trata-se de um programa numa comunidade carente, procurando atende crianças com necessidades sociais. (SUJEITO3)

Sim eu acho que... evoca um desdobramento narrativo. Ao fato que eu olhando aqui eu posso imaginar o que eles estão... participando de um concerto, por exemplo, ou aprendendo a tocar junto. (SUJEITO4)

Uhum, é acho que é isso. Que eles devem ser de uma favela ou de um lugar muito pobre e estão tendo a oportunidade de aprender um instrumento e eu acho que a lágrima dessa criança pode ser uma lembrança, talvez tenha perdido pai, mãe. Sei lá, uma bala perdida, tanta situação. (SUJEITO5)

4 Ao olhar para a fotografia, quais são os sentimentos que predominam?

Ah, o principal sentimento, acho que predomina nessa foto é tristeza, porque você vê quão desigual é o quão marcante é essa situação é. (SUJEITO1)

De preocupação, o que, que ta acontecendo com essa criança? Porque ela ta num ambiente que deveria ser prazeroso, mas para ela não está sendo. Então, alguma coisa de errado tem, ta acontecendo. (SUJEITO2)

Um sentimento de que... no caso aqui me lembra, a África na primeira foto, mas que também me lembra o Brasil. E que pena que nós precisamos ficar fazendo programas sociais, para poder atender. As coisas não nascem naturalmente nas famílias, nas famílias não estruturadas. (SUJEITO3)

Tristeza. (SUJEITO4)

Acho que de esperança pra mim, porque ao mesmo tempo que a criança ta triste, ela ta tendo a oportunidade de aprender uma coisa diferente. (SUJEITO5)

3.1.1 Classe e cor na leitura de imagens: representação negativa de raça.

Nesta primeira imagem temos dois meninos tocando violino, um menino branco e outro negro. Em análise as respostas sobre esta primeira imagem, observou-se que os entrevistados associam a cor negra com algo negativo, em que a pessoa negra é alguém pobre, pertencente a uma favela e que participa de programas sociais.

O fato de ter um menino negro tocando um violino, fez com que as impressões dos entrevistados fossem de que este menino pertencesse a um programa social. Observa-se isso principalmente nas seguintes falas: Sujeito 1 *“Só que o ambiente que ele demonstra como se fosse um grupo cultural de crianças carentes...”*; Sujeito 3 *“eu vejo um menino moreno e outro mais clarinho e eu me lembro de projetos sociais, projeto lá na favela de musicalização...”*; Sujeito 5 *“Sim, mostra uma situação real. De crianças que talvez... estão tendo uma oportunidade que nunca tiveram de aprender uma coisa diferente, um instrumento. Numa favela, imagino, não sei”*. Mesmo não havendo nada na foto que informe o leitor de que esta criança é pobre, a representação de raça foi negativa.

Podemos citar aqui os estudos de Berger (2014) sobre a linguagem, o autor nos mostra que por vivermos em um mundo de senso comum da vida cotidiana, equipados por corpos específicos de conhecimento e possuindo uma interação com os outros durante a vida, acaba-se estabelecendo pontes entre diferentes zonas dentro da realidade da vida cotidiana, as integrando em uma totalidade dotada de sentido. É o que nota-se nas falas dos sujeitos, pois estes ao olharem a cor do menino, usam do senso comum para dizer que ele é pobre e participa de programas sociais.

Outro fator a ser analisado é o choro da criança ser associado a um sentimento ruim: Sujeito 1 *“...ela pode sim mostrar uma situação real, porque ela demonstra tristeza da criança...”*; Sujeito 2 *“Tristeza, dor, é... Um sentimento de tristeza, mesmo assim.”*; Sujeito 4 *“...Parece que ela simboliza um pouco de sofrimento...”*; Sujeito 5 *“...eu acho que a lágrima dessa criança pode ser uma lembrança, talvez tenha perdido pai, mãe...”*. Os prováveis fatores que fizeram os sujeitos terem essa percepção novamente é o fator raça, uma criança negra chorando remete a tristeza. Ao acreditar que a criança pertence a uma favela, o Sujeito cinco relacionou a lágrima da criança a fatos que ela provavelmente já viu em noticiários, jornais, etc.

De acordo com Lane (2006), nós como indivíduos sociais estamos sujeitos a maneira de viver do nosso grupo de convivência, é esse grupo que irá definir nossas ações. O significado que a fotografia trouxe aos entrevistados, depende muito do conhecimento de

mundo deles, o público não só assimila o conteúdo apresentado, mas é afetado por sentidos sociais, históricos e psicológicos intrínsecos a essa forma de comunicação. Desde os primeiros anos de existência do Brasil, os negros são considerados um povo menos favorecido, devido ao contexto histórico deles.

FIGURA 2



Fonte: <http://extra.globo.com/noticias/mundo/na-somalia-criancas-vivem-situacao-dramatica-pela-fome-imagens-fortes-2333680.html>

Que tipo de foto é essa? Ela mostra uma situação real?

Sim, com certeza. É uma foto que representa uma criança desnutrida, ela ta claramente com falta de nutrição. E é uma situação real, nós temos problemas com crianças que sofrem de desnutrição e não precisa nem chegar nesse estágio. Tem muita criança que tem uma alimentação incorreta, que os pais não têm orientação pra cuida, pra ter um cuidado nutricional com essa criança e mesmo assim ela é o extremo , digamos assim. (SUJEITO1)

Real, nos dias de hoje bem real. (SUJEITO2)

Eu acredito que seja, porque eu já vi esse tipo de foto em jornais, televisão, internet, de crianças subnutridas na África. (SUJEITO3)

Sim, ela mostra uma situação real. (SUJEITO4)

Sim, uhum. Uma situação que te, que acontece no nosso mundo. (SUJEITO5)

O que sugerem/indicam/simbolizam seus principais aspectos (gestos, atitudes, expressões, cores, efeitos)?

Então, ela simboliza a carência, simboliza como o descuidado, descaso, com a criança. Por mais, é... Não sei qual é a condição, mas ela representa isso pra mim. Mostra um descuidado. (SUJEITO1)

Fome, dor, porque a fome causa dor. Não o abandono, por que... / da mãe né, porque ele ta aqui cobertinho, ta sendo cuidado, mas de pobreza algo desumano, né? Pra essa região onde essa criança vive. (SUJEITO2)

Simboliza a pobreza que existe na África, mas também deve simbolizar a pobreza, eu acho que acontece no Nordeste. (SUJEITO3)

Eles indicam um, um... Uma criança, um neném passando por dificuldades. (SUJEITO4)

Que essa criança ta desnutrida, ta passando necessidade. (SUJEITO5)

A ação fotografada evoca um desdobramento narrativo? Como?

Sim, com certeza. Ela é até chocante, você vê a criança, o desespero, o anseio por cuidado que ela tem, apenas no olhar dela. Você vê os ossos dela estão aparecendo, estão bem expostos, um choque, um choque de realidade. Você vê tanta fartura pra uns e outros não. Isso mostra claramente a desigualdade social. (SUJEITO1)

Eu acho que sim, porque, daria para se fazer uma história olhando para essa foto. Da para conta e fala e até pesquisa, né? Então, da pra se escrever muita coisa. (SUJEITO2)

Evoca. A lembrança de que a muitas crianças passando fome no mundo. Mas no mundo, mas às vezes eu penso./ Acho que aqui no Paraná, aqui no sul, nós não vamos ver essa situação. Mas eu acredito que em regiões mais pobres do Nordeste tem crianças subnutridas. Até, porque às vezes quando a gente vê as reportagens, de por exemplo, pessoas Nordestinas são de baixa estatura e que é falta de alimentação e eu acredito que esse tipo de coisa, mesmo depois que se recupere, remova e tal. Ela tem dificuldade de desenvolvimento físico e intelectual também. (SUJEITO3)

Narrativo se eu consigo imaginar uma história vendo essa foto? ((Isso, você consegue narrar fatos)) Sim, ela evoca um desdobramento narrativo. (SUJEITO4)

Sim, sim. Provavelmente ela.../ Eu já fico imaginando também que alguém está tirando essa foto é alguém que está indo ajudar essa criança. Porque ta fazendo missões num lugar tipo África, não sei. (SUJEITO5)

Ao olhar para a fotografia, quais são os sentimentos que predominam?

É, predomina eu acho, no meu caso um pouco de revolta. Porque você convive o tempo inteiro com uma sociedade onde todos têm tanto e você leva o choque com uma fotografia como essa, onde você vê a criança não tem nada, nem comida. (SUJEITO1).

De tristeza, de saber que muitos tem muito e muitos tem pouco. Então assim, eu me sinto triste de olha, porque, tem pessoas hoje nesse momento passando fome, precisando de água de comida, né? E têm muitos hoje que tão jogando comida fora. Então, tenho um sentimento de tristeza quando vejo isso. Vejo que a humanidade não tem união, não são unidos um para ajudar o outro, né? Muitos nem tão interessados em ajudar, em procurar, saber o que poderia ser feito, né? Não jogar alimento fora, contribuir porque eles são como irmãos, né? De uma região distante. Mas... Sinto-me muito triste de ver essa situação, essa foto. (SUJEITO2)

Ah, de misericórdia! Ah é difícil olhar um olharzinho assim, da uma pena, da um dó. Da um sentimento assim de... Nossa nós tamo tão bem né, não falta nada pra nós, né? pros meus filhos não faltam nada. Então, se pudesse fazer alguma coisa, assim, que todos nós, se mobiliza sabe. Para o Brasil não ter esse tipo de coisa, pro mundo não ter esse tipo de coisa. Então, o sentimento de como o ser humano, é... Como que o ser humano pensa muito em ter, tem que ter mais. Então, tenho uma coisa, eu quero duas coisas, mas pra mim precisa de duas coisas, sendo que tem gente que nem comida tem. (SUJEITO3)

Acho que... sentimentos que despertam em mim é, seria um compaixão, uma empatia com o que talvez essa criança esteja passando e tal, acho que seriam isso. (SUJEITO4)

Ah esse daqui da tristeza, da dó, da vontade de ajudar, de pegar no colo. (SUJEITO5)

3.1.2 O distanciamento da realidade dos sujeitos.

Um dos assuntos a ser analisado nesta segunda foto é o distanciamento dos sujeitos em relação à situação apresentada na fotografia. A imagem mostra uma criança negra desnutrida, o que levou os sujeitos a acreditar que essa criança pertence a uma realidade distante da deles.

Na fala dos entrevistados, observou-se que os mesmo já viram crianças assim, porém não pessoalmente, como nas falas: Sujeito 2 “*Eu acredito que seja, porque eu já vi esse tipo de foto em jornais, televisão, internet, de crianças subnutridas na África*”; Sujeito 2 “*... mas também deve simbolizar a pobreza, eu acho que acontece no Nordeste*”. Sujeito 2 “*... Acho que aqui no Paraná, aqui no sul, nós não vamos ver essa situação. Mas eu acredito que em*

regiões mais pobres do Nordeste tem crianças subnutridas...”; Sujeito 3 “...Não jogar alimento fora, contribuir porque eles são como irmãos, né? De uma região distante...”; Sujeito 4 “ ... Eu já fico imaginando também que alguém está tirando essa foto é alguém que está indo ajudar essa criança. Porque tá fazendo missões num lugar tipo África, não sei.”

A foto apresentada aos sujeitos não possuía informações sobre de onde esta criança era. Entretanto, a televisão, principalmente, nos mostra essa realidade na África e em alguns lugares no Nordeste, como citado por alguns dos entrevistados, no entanto não nos mostra a nossa realidade local que pode ser igual ou parecida. Vê-se que as representações da mídia são elencadas na maioria das falas.

Relembrando os estudos da Semiótica da fotografia percebemos que, existe uma relatividade semântica da foto, que se refere ao fato de que a percepção de imagens fotográficas possui elementos culturais. E na mídia, nada é veiculado sem um controle, interno ou não, sobre as informações distribuídas. A fala dos sujeitos mostra o poder que a mídia possui.

Barthes (apud 1980 SANTAELLA e NÖTH 1999) leva em conta uma característica fundamental das fotos o fato, que a fotografia é “uma mensagem sem código” como uma “analogia mecânica da realidade”, a foto apresenta certa “perfeição e plenitude de analogia” (SANTAELLA; NOTH, 1999, p. 112) que ela parece conter uma mensagem meramente denotativa, já que nada parece ser complementável com conotações. Porém, uma foto de imprensa é “trabalhada, escolhida, produzida, construída e editada de acordo com normas profissionais, estéticas e ideológicas, que contêm fatores conotativos”, (SANTAELLA; NOTH, 1999, p. 112) apesar disso, conotações são sempre derivadas de um código, Barthes (1980 apud SANTAELLA e NÖTH 1999) chega ao entendimento que há na fotografia de imprensa, no mínimo uma mensagem análoga e não-codificada junto a uma mensagem codificada.

Percebe-se que ao olhar para a fotografia os sujeitos lembraram de outras imagens armazenadas em sua mente, fazendo uma associação com a imagem apresentada neste trabalho. A imagem mental dentro da qual podemos chamar de imaginário social, faz-se por meio das representações da realidade, aquela adquirida, pela mídia e pelas relações sociais. Os sujeitos entrevistados em algum momento de suas vidas tiveram contato com a realidade apresentada na foto, mesmo sendo ela de um lugar distante.

FIGURA 3 -



Fonte: <http://diariodamatasul.blogspot.com.br/2014/01/mundo-pai-espanca-filhos-de-3-e-4-anos.html>

Que tipo de foto é essa? Ela mostra uma situação real?

Sim, ela é uma foto que mostra uma criança que ta machucada, os olhos dela estão roxos e ela ta toda inchada. É, mostra sim uma criança que foi agredida, fisicamente agredida. (SUJEITO1)

Real, muitas crianças sofrem violência doméstica, por vizinhos, por amigos, por parentes, familiares principalmente, né? Então assim, acontece sim. Ela é real. (SUJEITO2)

Eu acredito que é uma criança que foi agredida fisicamente, pelo que eu to vendo aqui. Porque ta com os olhinhos batidos, não foi acidente, isso aqui é... porque é muito... A batida assim, a machucadura assim, são muito... muito locais. Então, eu acho que sim, são crianças que foram espancadas. (SUJEITO3)

Gente... Eu acho que infelizmente sim. (SUJEITO4)

uhum...(SUJEITO5).

O que sugerem/indicam/simbolizam seus principais aspectos (gestos, atitudes, expressões, cores, efeitos)?

Ah, ela mostra. Essa foto mostra, é... Eu acho que ela mostra, assim, como o ser humano, ele nasce puro, realmente, ele nasce sem nenhum contexto, sem nenhum pretexto e de repente são coisas que marcam, né? E eu acredito que isso mostra como uma marca, uma marca na vida da criança. Ela vai sempre leva isso. (SUJEITO1).

Dor, eu acho que essa criança ta, é... Com dor, uma criança triste, porque olha, não consegue nem enxerga, ela ta inchada, ela ta roxa, machucada. Então, eu creio que ela ta sentindo dor, né... É... ela tem expressão de uma criança triste, porque uma

criança que é espancada a esse ponto, ela não tem alegria, ela não é uma criança livre, ela é... emocionalmente, é uma criança abalada, que não consegue expressar alegria, porque pra um pai, um familiar chegar a esse ponto ele destrói com a criança, inteiramente, corpo, alma e o espírito dela, né? (SUJEITO2)

Simboliza também pra mim que, é uma luta diária de todos nós de poder resgatar essas famílias. Porque o problema, o problema é com a criança, com certeza gravíssimo, com uma criança indefesa. Mas, como que é a mente e o coração de uma pessoa que fez isso? Como que foi a infância dela? Talvez tenha sido uma infância parecida com essa. (SUJEITO3)

Dor, sofrimento... Acho que era isso, acho que é isso. (SUJEITO4)

Eu acho que essa foto retrata a realidade de muitas crianças que sofrem violência doméstica, de pais violentos, infelizmente mesmo indefesa como ela é, bem pequenininha (SUJEITO5)

A ação fotografada evoca um desdobramento narrativo? Como?

Sim, ela demonstra o quanto nós, o quando a sociedade precisa evolui e melhora no sentido de cuidado com as crianças, porque alguém fez isso com ela e não havia ninguém para cuidar dessa criança, a ponto dela chega da maneira que ela está apresentada na foto. (SUJEITO1).

Ah, eu creio que sim. Porque, com certeza, hoje já é proibido, né? E tem, não se pode fazer isso com uma criança. Da até cadeia, é... Então assim, tem sim, da para se escrever muita coisa olhando para essa foto. (SUJEITO2)

Evoca, evoca a... A Exatamente isso, a luta pela não violência infantil. (SUJEITO3)

Sim, olhando aqui eu consigo imagina de que forma que ela, que essa criança ficou nesse estado. (SUJEITO4)

Sim, provavelmente ela sofreu uma violência doméstica. (SUJEITO5)

Ao olhar para a fotografia, quais são os sentimentos que predominam?

Revolta, de novo. Eu acho que nós temos condições e pessoas suficiente pra melhora pra que isso não, pra que coisas assim sejam um crime passível de prisão, de retirar a criança de pais ou de avós, de quem esteja cuidando, ou da maneira que trataram essa criança, precisa ser, haver justiça sobre isso. (SUJEITO1).

De revolta, revolta de com quem fez isso. Não é digno / Essa pessoa que fez isso não é digno de.../ Meu Deus, no meu ponto de vista de vive, porque não tem respeito ao próximo, não tem amor, não tem caráter, não tem nada. Me revolta realmente. (SUJEITO2).

Igual da fotografia anterior. De pena, de misericórdia, de onde é que ta essa criança agora? Como que foi no dia? Eu fico imaginando quando vai entrete/ Digamos que ela mora com uma família, more numa família, que seja, num lar, abrigo, uma coisa assim. E é o pai que agrediu ela, quando chegou no final do dia. Eu fico imaginando quando começa entardecer assim, começa escurece e começa dá aquele mal estar no coração, aquela angústia, de saber que o pai vai chegar, a pessoa que agrediu ela, vai chega e não sabe o que vai acontece. E também eu sinto assim, que é indefesa, ela vê o problema, ela sente, mas ela não tem o que fazer, ela não tem força, ela não tem tamanho, ela não... Se ela sai de casa, como que ela vai sai de casa? Né? Então, isso que me evoca. (SUJEITO3)

Ah, de indignação, revolta... injustiça. Acho que é isso. (SUJEITO4)

Aii... Ai, da um sentimento de raiva, mas ao mesmo tempo assim, uma impotência, porque você não pode fazer nada. Como que alguém deixou isso acontecer, sabe (SUJEITO5).

3.1.3 A sensibilidade do não verbal reproduzida no verbal.

Em seus estudos Santaella (1990), diferencia o verbal do não verbal, dizendo que existe uma linguagem verbal, aquela dos sons que veiculam conceitos e se articulam no aparelho fonador, mas existe uma grande variedade de outras linguagens que também fazem parte dos sistemas sociais e históricos de representações do mundo. (SANTAELLA, 1990, p. 13).

De tal maneira que ao se falar em linguagem, não é correto pensar-se simplesmente em língua, mas nas diversas formas sociais de comunicação e de significação, incluindo a linguagem verbal, a linguagem dos surdos-mudos, o sistema de códigos da moda, da culinária, entre outros

Esta terceira imagem mostra uma criança bastante machucada, o tipo de violência retratada é a violência física, o que causou grande empatia nos entrevistados. Em sua maioria os sujeitos fizeram grandes pausas antes de responder as perguntas da entrevista.

Verifica-se isso quando perguntei ao Sujeito 4, se a foto era real¹, após um longo silêncio ele diz “... *GENTE... Eu acho que infelizmente sim*”. A palavra “gente” está em maiúsculo, pois realmente foi falada com grande ênfase, o entrevistado mostrou grande espanto ao ver os ferimentos da criança. O Sujeito 5, ao responder a mesma questão citada

¹ Pergunta de número 1 contida no questionário formulado para análise das fotografias sobre a violência infantil: 1- Que tipo de foto é essa? Ela mostra uma situação real?

anteriormente, após algum tempo expressou apenas uma expressão afirmativa, “... *uhum...*” a ausência de palavras do entrevistado, provavelmente foi devido a emoção com a situação da criança. O frequente uso de reticências na transcrição das falas dos entrevistados atesta o quando a imagem retratando as machucaduras da criança, comoveu os entrevistados.

Revelando que mesmo com a ausência de uma explicação escrita ou falada do que ocorreu com a criança, os entrevistados partiram da análise do não verbal. E através da fotografia, que é uma linguagem não verbal, obtiveram várias significações.

Através da grande quantidade de pausas representadas nas falas dos entrevistados, pode-se perceber com clareza as categorias da consciência descritas por Pierce. O processo de transformação da primeiridade aquilo que está na consciência do entrevistado no momento imediato em que vê a foto, passando a secundidade, o imediato sendo pensável, trazido ao mundo real e por fim a terceiridade, aproximando o primeiro e o segundo fazendo então a interpretação da imagem.

É importante ressaltar a percepção dos entrevistados sobre a criança de um modo geral. Para eles a criança é um ser inocente, puro, incapaz de se defender, como observamos nas falas: Sujeito 1 “...*Eu acho que ela mostra, assim, como o ser humano, ele nasce puro, realmente, ele nasce sem nenhum contexto, sem nenhum pretexto e de repente são coisas que marcam, né?...*”; Sujeito 2 “...*porque pra um pai, um familiar chegar a esse ponto ele destrói com a criança, inteiramente, corpo, alma e o espírito dela, né?...*”; Sujeito 3 “...*Porque o problema, o problema é com a criança, com certeza gravíssimo, com uma criança indefesa...*” O fator que pode ter influenciado o abalo dos entrevistados é esse juízo que eles possuem da imagem da criança.

Este juízo que os sujeitos têm, vem, segundo Berger (2014), do acervo social do conhecimento deles. Os sujeitos entrevistados, bem como, toda sociedade aprendem que uma criança é um ser indefeso, inocente. O conhecimento social de alguém é que diferencia a realidade por graus de familiaridade. (BERGER, 2014, p. 62).

Ao averiguar as falas do Sujeito 3 nas respostas dadas a Figura 3, percebe-se que por vezes o mesmo coloca-se no lugar da criança agredida e também do agressor, imaginando como seria se fosse ele no lugar deles: “...*Mas, como que é a mente e o coração de uma pessoa que fez isso? Como que foi a infância dela? Talvez tenha sido uma infância parecida com essa*”; “...*Eu fico imaginando quando começa entardecer assim, começa escurece e começa da aquele mal estar no coração, aquela angústia, de saber que o pai vai chegar, a pessoa que agrediu ela, vai chega e não sabe o que vai acontece. E também eu sinto assim, que é indefesa, ela vê o problema, ela sente, mas ela não tem o que fazer, ela não tem força,*

ela não tem tamanho, ela não... Se ela sai de casa, como que ela vai sair de casa? Né?...". O sujeito leitor dessa foto foi além da leitura superficial da imagem, segundo os estudos de Orlandi (2013, p. 73) há na base de todo discurso um projeto totalizante do sujeito, projeto que o transforma em autor. Esse projeto totalizante se realiza no autor, é onde se constrói a unidade do sujeito. O sujeito 3 a partir do seu olhar sobre a fotografia, desenvolveu uma história acerca da foto, na qual o autor é ele mesmo. Se o locutor se representa como eu no discurso e o enunciador é a perspectiva que esse eu assume, a função discursiva autor é a função que esse eu assume enquanto produtor de linguagem, produtor de texto. (ORLANDI, 2013, p. 75).

FIGURA 4 -



Fonte: <http://diganaoaseita.wordpress.com/2012/12/26/o-amor-a-membresia-e-demonstrado-em-puxoes-de-orelha/>

Que tipo de foto é essa? Ela mostra uma situação real?

Sim, mostra uma criança apanhando. Sendo disciplinada... (risos). Ham, é, pra mim, mostra a criança ali sofrendo... (Risos). (SUJEITO1)

Real, é real, uma situação real sim. (SUJEITO2)

Eu acho que sim, que é igual à de cima. Só que claro, essa foto eu entendi que é uma foto montagem, uma foto pra fazer uma campanha sobre essa situação de violência.

Mas eu me lembro Lu, que quando eu estudava na educação infantil, lá no primário no meu tempo. Eu lembro professores puxando a orelha, lembro perfeitamente, eu vi isso. Eu presenciei várias vezes professores puxando a orelha dos alunos, que tinham dificuldade e não era nem por comportamento, às vezes por dificuldade de aprender. Não ter feito a atividade, a tarefa e a professora ter puxado a orelha. Então, esse tipo de violência, digamos uma violência, entre aspas, mais leve, mas que acontece sim. (SUJEITO3).

Sim, é... parece-me uma situação real.(SUJEITO4).

Sim. (SUJEITO5).

O que sugerem/indicam/simbolizam seus principais aspectos (gestos, atitudes, expressões, cores, efeitos)?

Pra mim, essa foto, pode demonstrar duas coisas: ou agressão por si só, o fato de ta puxando a orelhinha do menininho ali; ou também a disciplina. Porque, você tem duas formas de disciplinar, né? Você pode disciplinar da maneira agressiva, onde a criança, você perde o controle e a noção das tuas ações, da tua força, o quanto você é maior do que a criança, ou também não sei. Vai que ela foi meio travessa e levou umas varadinhas. (risos). (SUJEITO1)

De disciplina, eu acho que aqui pelo jeito, pela mão, é... Pelo rostinho da criança, me parece que é uma mãe puxando a orelha do filho. Para que ele não tenha uma atitude errada, eu imagino, né? É, então, uma correção que a mãe ta fazendo para essa criança, mas que eu penso e creio, que também geram marcas emocionalmente nessa criança, né? Porque, pra correção, pra corrigi uma criança, não precisa machuca, ela não precisa sentir dor. Mas, ela precisa ser amada, senta, conversa: - Olhe, não faça mais assim filho, não ta certo. Mas não né, pela dor. Porque muitas vezes essa criança vai ter um sentimento de revolta e não de compreensão, que ta errado, que precisa muda, né? Então eu acho assim, uma atitude errada, é, que ela ta tentando corrigi essa criança. (SUJEITO2).

Simboliza que, pra mim olhando e lembrando dessa história da escola que to te falando. De que os adultos, eles... eles se superam, fazem com que as crianças sejam subjugadas. O adulto usa a força, o poder, a... Assim, agressão verbal pra subjuga as crianças, essa foto da orelha aqui. É a que mais me toca e me lembra dessa história da escola, como que te falei. E me faz lembra que os professores, naquela época, subjugavam as crianças e que criança não tinha vez com adulto. (SUJEITO3)

Me esqueci qual que era o enfoque dessa, dessa pergunta. ((Os gestos da criança ali, ta simbolizando que ela ta sofrendo o que? Que tipo de violência?)) Acho que ela ta. Parece-me que ela ta sendo agredida, ta sendo maltratada talvez por alguém. Um responsável, seja ele da família ou não, é isso. (SUJEITO4)

Eu achei até engraçada a foto. Porque é um contraste muito grande com a foto anterior. Que aqui a criança sofreu, na anterior a criança sofreu uma agressão muito forte e nessa aqui ela, a criança ta recebendo um puxãozinho de orelha. Então assim, mostra talvez uma criança um pouco birrenta, mas que a sendo disciplinada... não sei. (SUJEITO5)

A ação fotografada evoca um desdobramento narrativo? Como?

Sim, demonstra. Pra mim, perto das outras imagens eu acho que essa é a mais leve. Porque você não. Você percebe que a criança ela ta um pouco mais cuidada, ela ta um pouco... Ela não ta naquele nível extremo enquanto nas outras fotos. Mas, ao mesmo tempo você pode mostra o quando a criança, ela é pequena, ela é sensível, né? O quando nós podemos simplesmente com uma ação marca a vida dela (SUJEITO1).

Eu acho que também. Da pra se conta, narra uma história olhando para essa foto. De uma mãe e de um filho. (SUJEITO2).

Sentimento de que criança deve ser atendida, deve se... deve receber atenção do adulto igual um adulto da pra outro adulto. Uma atenção, e aqui quando ta puxando a orelha da criança, pra mim, é tipo, não ta conversando, convencendo a criança, ta humilhando a criança: – você vai faze, se não vou te puxar a orelha, um exemplo. (SUJEITO3)

Sim, consigo imaginar que por algum motivo essa criança ta sendo corrigida, disciplinada, ta apanhando por algum motivo. (SUJEITO4)

Alessandra: Evoca, uhum. Porque ela fez alguma coisa que levou a um puxão de orelha. (Risos). (SUJEITO5).

Ao olhar para a fotografia, quais são os sentimentos que predominam?

Ah... Essa eu fico meio confusa assim, eu acho que eu fico com dó, né? O piazinho ta ali chorando, eu fico com dó. (risos).(SUJEITO1)

Eu acho que de falta de compreensão da mãe. De às vezes até de entendimento, porque, é, se essa mãe buscar o conhecimento e se aprofunda em como educa o filho, ela não iria ta puxando essa orelhinha. Ela ia agi de uma forma diferente, às vezes a mãe dela puxou a orelha dela. Assim né? Então, ela acha que puxa a orelha do filho é certo. Então, de conhecimento mesmo. (SUJEITO2).

Da lembrança de quando eu era criança de ter visto professores fazer isso. Que pena que não foi o professor que sento, que explico, quem ajudo, que só subjugo. (SUJEITO3)

Ah, é um sentimento. É dor eu acho... Um sentimento de dor, de tristeza também. (...) (SUJEITO4).

Pra mim, sinceramente, quando eu olhei, eu não fiquei com dor pela criança. Eu fiquei, achei até uma situação engraçada... (Risos). Porque lembrou a infância, puxãozinho de orelha, eu acho que não é uma coisa assim demais, né? Desde que não arranque a orelha fora. (Risos) (SUJEITO5)

3.1.4 As diferentes aceitações da disciplina como violência.

A Figura 4 mostra uma criança chorando e uma pessoa puxando a orelha da mesma, devido ao fato do puxão de orelha ser uma violência aceitável e mais comum em nossa sociedade, dois dos entrevistados deram risada ao ver a fotografia, exibindo que o puxão de orelha é uma violência aceitável. Verifica-se isso nas falas: Sujeito 1 “*Sim, mostra uma criança apanhando. Sendo disciplinada... (risos). Ham, é, pra mim, mostra a criança ali sofrendo... (Risos).*”; Sujeito 5 “*...Na anterior a criança sofreu uma agressão muito forte e nessa aqui ela, a criança ta recebendo um puxãozinho de orelha...*”; Sujeito 5 “*Pra mim, sinceramente, quando eu olhei, eu não fiquei com dor pela criança. Eu fiquei, achei até uma situação engraçada... (Risos)...*”. Para estas duas pessoas, puxar a orelha de uma criança é uma forma de disciplina, como se a criança merecesse aquele puxão de orelha por algo errado que fez. Contudo, os outros três entrevistados apresentam em seus discursos uma negação ao puxão de orelha como correção de uma criança: Sujeito 2 “*...É, então, uma correção que a mãe ta fazendo para essa criança, mas que eu penso e creio, que também geram marcas emocionalmente nessa criança, né? Porque, pra correção, pra corrigi uma criança, não precisa machuca, ela não precisa sentir dor. Mas, ela precisa ser amada, sentar, conversar...*”; Sujeito 4 “*...Parece-me que ela ta sendo agredida, ta sendo maltratada talvez por alguém. Um responsável, seja ele da família ou não, é isso*”.

O que provavelmente diferencia as opiniões dos sujeitos é sua visão de mundo, a maneira que foram criados, entre outros. Segundo Edward Lopes (1976) a relação entre o homem e o mundo é permeada pelo pensamento e a relação entre um homem e outro homem, dentro da sociedade, é mediada pelos signos. Os signos são, por um lado, suportes exteriores e materiais da comunicação entre as pessoas e, por outro lado, são o meio pelo qual se exprime a relação entre o homem e o mundo que o cerca (LOPES, 1976, p. 16).

Citando Santaella e NÖTH (1999), os chamados modelos simbólicos e proposicionais da representação mental do conhecimento de mundo visual e não visual partem do pressuposto de que imagens não são realmente armazenadas de forma visual icônica, mas finalmente, na forma de símbolos digitais elementares, dos quais se originam redes de sistemas simbólicos através de regras de combinações. Fazendo com que ao olharem uma fotografia os sujeitos simbolizem diversas coisas.

O sujeito 3, além de não concordar com esse tipo de agressão, relembra um fato de sua infância, associando a Figura 4 com situações já vividas por ele: “...*Mas eu me lembro Lu, que quando eu estudava na educação infantil, lá no primário no meu tempo. Eu lembro professores puxando a orelha, lembro perfeitamente, eu vi isso. Eu presenciei várias vezes professores puxando a orelha dos alunos, que tinham dificuldade e não era nem por comportamento, às vezes por dificuldade de aprende. Não ter feito a atividade, a tarefa e a professora ter puxado a orelha. Então, esse tipo de violência, digamos uma violência, entre aspas, mais leve, mas que acontece sim*”. E também em “*Simboliza que, pra mim olhando e lembrando dessa história da escola que to te falando. De que os adultos, eles... eles se superam, fazem com que as crianças sejam subjugadas. O adulto usa a força, o poder...*”.

Ainda que o Sujeito 3 tenha se referido a essa violência como algo “mais leve”, ele usa essa expressão entre aspas, delatando sua recusa a essa atitude. Mesmo que a foto só traga uma mão puxando a orelha de uma criança e esta chorando, sem revelar quem está puxando a orelha. O sujeito fez uma conexão com o fato de na sua infância os professores puxarem as orelhas dos alunos. Mais uma vez percebemos que as percepções da foto, dependem do contexto histórico de cada leitor. Como Lane (2006) relata em seus estudos, os sujeitos são influenciados pelo seu histórico social, o indivíduo se faz sentir, primeiramente, pela aquisição da linguagem. As palavras, através dos significados atribuídos por um grupo social, por uma cultura, definem uma visão de mundo, um sistema de valores e, conseqüentemente, ações e sentimentos. (LANE, 2006, p.9)

FIGURA 5 -



Fonte: <http://estudoonline.no.comunidades.net/index.php?pagina=galeria>

Que tipo de foto é essa? Ela mostra uma situação real?

Sim, é uma foto que mostra uma criança catando lixo, vivendo no meio do lixo, no meio do escombro, com corvos e toda aquela sujeira. É o típico lixão que nós temos,

em todo lugar, inclusive aqui em Pato Branco, e a criança ta ali selecionando lixo e procurando, alguma coisa. (SUJEITO1)

Infelizmente ainda sim, mostra. É real, até aqui no Brasil, né? Acontece ainda. (SUJEITO2).

Com certeza, com certeza. Inclusive isso aqui acontece em Pato Branco, isso aqui não acontece lá na África, acontece na África, acontece em São Paulo, mas também acontece em Pato Branco e na região. Que famílias vão no lixo catar alguma coisa pra sobreviver. (SUJEITO3)

Sim, infelizmente sim. (SUJEITO4)

Infelizmente mostra. (SUJEITO5)

O que sugerem/indicam/simbolizam seus principais aspectos (gestos, atitudes, expressões, cores, efeitos)?

Eu acho assim que, as cores dessa foto assim, da pra vê muito lixo. É... são cores fortes assim, com relação a expressão, você percebe que a criança ta ali trabalhando, ta catando lixo, ta procurando sustento ao invés de estar, por exemplo, estudando, alguma coisa assim. O que deveria ser pelo tamanho dela e o quanto realmente você precisa, é... Como é que eu posso dizer? Você ta ali, a criança ta no meio do lixo, literalmente, ela ta no meio do lixo. Qual é o valor dessa criança, entende? É isso que pra mim indica. (SUJEITO1)

Uma vida difícil, é... Lutando pra sobreviver, eu acho assim pra ganhar um dinheiro, né? Essas famílias não tem expectativa... de trabalho, muitas vezes no desespero elas vão pro lixo pra procura alguma coisa, pra vende também, né? Pra consegui um dinheiro pra se alimenta. (SUJEITO2).

Simbolizam isso, de que é uma coisa que ta no acesso, por exemplo, do poder público de resgatar esse tipo de coisa. O poder público pode através de uma ação social, por exemplo, e ir lá e resgatar essas famílias e fazer um trabalho. Mas, também me simboliza o seguinte, de que resgata a família, aqui tem digamos, vamos imaginar que Pato Branco tenha cinco famílias, aqui no Sudoeste dez. Mas, em São Paulo, por exemplo, são centenas no meio de centenas você não consegue resgatar todas, você leva elas pra um lar, leva elas pra uma casa, pra um lugar melhor, mas elas voltam. Eu me lembro que, me simboliza que famílias que vivem disso, a tendência é que os filhos desse menino vão fazer a mesma coisa, por quê? Porque é um ciclo, né? Ele não sai daqui, o pai não sai, se o pai não sai desse lugar os filhos também não vão sai. (SUJEITO3).

Sugere um... Que em virtude da pobreza, da dificuldade que as pessoas passam, elas se sujeitam a... A tirar do seu sustento, em fim, desse meio aqui, onde elas estão. (SUJEITO4).

humm... Ela sugere a busca por... Pela sobrevivência mesmo, porque essas pessoas, elas só sobrevivem, elas tão tentando sim, sobrevive. Não vivem. (SUJEITO5).

A ação fotografada evoca um desdobramento narrativo? Como?

Sim, evoca sim. Você pode, nossa essa é uma das fotos que você mais pode fala, eu acho dentre as cinco. Porque você ta mostrando uma condição que não está tão longe de nós, por que aqui. Pelo menos aqui na nossa região, na nossa micro região a gente não tem tanto problema, tanto problema de desnutrição, a gente tem recursos e meios, mas isso é uma coisa que a gente ainda vê, numa cidade tão evoluída, numa região evoluída, onde nós temos tanto recurso, a gente ainda vê menores trabalhando, menores procurando sustento, menores no lixo, literalmente. Eu acho que o contexto narrativo que você pode retirar, de uma imagem dessas é tremendo, com aos valores da criança, ao valor que você ta dando a uma criança, uma vida (SUJEITO1).

Sim, com certeza (SUJEITO2).

Sim, evoca. Evoca isso, da dificuldade que você tem de tirar esse tipo de família, esse tipo de criança, esse tipo de situação de voltar a fazer. Eu acho que isso que me mostra. Que é muito difícil, mesmo que o poder público venha fazer sua parte, a base da família que levou essa criança eles todos aqui faze, tem que muda. Então, o pai dele viveu aqui, o pai dele viveu aqui e possivelmente os netos dele vão vive aqui. Porque é o lugar dele vive ali, não consegue sair dali (SUJEITO3).

Sim, eu imagino da pra imaginar o contexto de vida dessas pessoas. Porque que elas estão aqui, em fim, porque que elas estão sobrevivendo dessa forma. (SUJEITO4)

Sim, eu acho que ela expressa assim, uma realidade muito próxima até de nós, de pessoas que tem que viver dessa forma. (SUJEITO5).

Ao olhar para a fotografia, quais são os sentimentos que predominam?

Acho que de novo um pouco de revolta. Porque, eu acho que quando a gente vê uma situação dessas que / Ainda mais com uma tão próxima de nós e a gente não, a gente se sente movido a ação, movido a gira, fazer algo pra que isso não aconteça. Eu acho que esse é o sentimento que em mim predomina, porque eu já vi uma cena dessas pessoalmente. Quando eu fui no lixão tavam lá crianças no meio, comendo do lixo e isso me lembra muito. Então é isso que vem no meu coração, um sentimento de revolta (SUJEITO1).

De abandono, de que... De tristeza também, de abandono, de tristeza, por que é... Algumas pessoas na nossa sociedade são esquecidas, abandonadas, não tem recurso. São deixadas assim... ao extremo, isso é vive ao extremo já, né? No meio da sujeira, do perigo, do lixo, sem expectativa de vida. Eu acho que há pobreza e muita pobreza no nosso Brasil e isso reflete, essa foto reflete um pouquinho disso (SUJEITO2).

É um sentimento de que, como nós temos coisas pra ser feita. Um sentimento de que parece que... a lembrança que... não conseguimos, que não vamos conseguir mudar esse tipo de atitude. Mas, que nós precisamos, todos nós, a escola, o poder público, nós pessoas comuns tentar fazer alguma coisa pra ajuda. E nós que trabalhamos com crianças Lu. Como escola, claro que nossos alunos, por exemplo aqui da escola Shekinah, não vão passa nessa realidade, mas nós temos que implanta na mente deles, na família deles, pra pode resgata aqueles que não podem sair. (SUJEITO3)

Injustiça, desigualdade social. Isso trás uma certa revolta e leva também a gente a valoriza algumas coisas que a gente tem que a gente não dá valor, a menos quando você vê que pessoas não tem o básico para sobreviver. (SUJEITO4)

Acho que sentimento de injustiça, de sede por justiça. De saber que essa situação não precisava se assim, se houvesse, se não houvesse tanta corrupção e se houvesse uma distribuição de renda melhor no nosso país e em tantos outros, porque isso não ocorre só aqui no Brasil, né? (SUJEITO5)

3.1.5 A proximidade do problema: a indignação evidente.

A última fotografia apresentada aos entrevistados revela crianças num lixão, esta foto trouxe a eles uma realidade próxima dos sujeitos, o que disseminou um sentimento de revolta e de querer fazer algo a respeito. O nível de inconformismo e compaixão ao ver crianças no lixão pode ser comparado com a Figura 3, em que o menino está com fortes machucaduras no corpo, exprimindo que para os sujeitos estes dois tipos de violência são piores que as outras.

Analisando as falas: Sujeito1 *“...É o típico lixão que nós temos, em todo lugar, inclusive aqui em Pato Branco, e a criança ta ali selecionando lixo e procurando, alguma coisa.”* Sujeito 3 *... “Inclusive isso aqui acontece em Pato Branco, isso aqui não acontece lá na África, acontece na África, acontece em São Paulo, mas também acontece em Pato Branco e na região...”*, revelam-nos que a foto trás uma realidade bem próxima a dos entrevistados. Os próximos fragmentos da entrevista delatam o inconformismo dos sujeitos com a situação: Sujeito1 *“...a criança ta ali trabalhando, ta catando lixo, ta procurando sustento ao invés de estar, por exemplo, estudando, alguma coisa assim. O que deveria ser pelo tamanho dela e o quanto realmente você precisa, é... Como é que eu posso dizer? Você tá ali, a criança ta no meio do lixo, LITERALMENTE, ELA TA NO MEIO DO LIXO. Qual é o valor dessa criança, entende?...”* Sujeito 2 *“Uma vida difícil, é... Lutando pra sobreviver, eu acho assim pra ganhar um dinheiro, né?...”*; Sujeito 3 *“...Eu me lembro que, me simboliza que famílias que vivem disso, a tendência é que os filhos desse menino vão fazer a mesma coisa, por quê? Porque é um ciclo, né? Ele não sai daqui, o pai não sai, se o pai não sai desse lugar os filhos também não vão sair.”*; Sujeito 4 *“Injustiça, desigualdade social. Isso traz uma certa revolta e leva também a gente a valoriza algumas coisas que a gente tem que a gente não dá valor ...”*; Sujeito 5 *“...sugere a busca por... Pela sobrevivência mesmo, porque essas pessoas, elas só sobrevivem, elas tão tentando sim, SOBREVIVE. Não vivem.”*. Está claramente exposto nas transcrições das falas dos sujeitos o quando os mesmo estão descontentes com a condição de vida das crianças na foto.

Lane (2006) declara em sua análise que o mundo é apreendido por meio da linguagem. A linguagem não é somente expressão de um objeto, um pensamento, ela é ação, o que representa poder. Essa ação e poder ficam claras nas falas dos sujeitos entrevistados, a linguagem não verbal da fotografia, gerou neles um descontentamento, um desejo de mudar aquela realidade retratada. Os estudos sobre o desenvolvimento intelectual mostram como a aquisição da linguagem é essencial para o chamado desenvolvimento intelectual, isto é, ser capaz de generalizações, abstrações, figuração, em outras palavras, superar o aqui e agora: planejando, prevendo, lembrando, simbolizando, idealizando . . (LANE, 2006, p. 28).

Outro item sobre as respostas dos entrevistados que merece ser apontado, é que esta foi a fotografia em que os sentimentos dos entrevistados de um modo geral, mais condizem um com o outro. Principalmente nas respostas da pergunta quatro da entrevista², encontramos nas falas dos sujeitos substantivos como: revolta, abandono, tristeza, injustiça, justiça. O fato dos sentimentos dos entrevistados serem tão parecidos, provavelmente é porque a realidade apresentada faz parte da sua vida cotidiana. Como diz Berger (2014), a atitude natural de alguém em relação a este mundo corresponde à atitude natural dos outros, que eles também compreendem às objetivações graças às quais este mundo é ordenado, que eles também organizam o mundo em torno do “aqui e agora” de seu estar nele. (BERGER, 2014, p.40).

² Pergunta de número quatro contida no questionário formulado para análise das fotografias sobre a violência infantil: 4. Ao olhar para a fotografia, quais são os sentimentos que predominam?

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo se justificou, tendo em vista que os signos não verbais circulam na sociedade e se constituem com uma prática discursiva muito relevante. É importante ressaltar ainda, que as imagens falam por si só e fazem com que os sujeitos agreguem às suas conclusões argumentativas na mesma proporção que o discurso verbal.

Acreditamos que por meio desta pesquisa apresentou-se o estudo da imagem, como discurso produzido pelo não verbal procurou-se mostrar como o não verbal se materializa na língua natural. A linguagem verbal poderia ser definida como a maneira mais própria pela qual o homem traduz especularmente os seus pensamentos bem como o artifício semiótico mais poderoso, mas para tornar-se mais poderoso do que já é, deve valer-se da ajuda de outros sistemas semióticos, como o não-verbal.(ECO, 1980, p.154).

Dessa forma, abrimos a possibilidade de entender os elementos visuais como geradores de discurso. Para que o entendimento do processo de discurso não verbal existente na fotografia se torne mais claro.

O estudo também procurou abordar sob um olhar diferente a subjetividade de cada leitor. A leitura de uma imagem foi dada a partir do ponto de vista, da sua cultura, do conhecimento de mundo de cada indivíduo. É importante entender que qualquer texto, seja verbal ou não verbal, é um produto, ou seja, um enunciado, que pressupõe um processo de enunciação e que revela por sua vez o discurso.

Procurou-se neste trabalho responder como se dá a participação do sujeito leitor na formação de sentidos da fotografia?

Por meio dessa análise, constatou-se que o estudo da imagem, como discurso produzido pelo não verbal, gerou a possibilidade de entender os elementos visuais como geradores de discurso. A imagem fotográfica possui grande importância, uma vez que, estimula a percepção humana na leitura das coisas e dos fatos vivenciados. Ao observar uma imagem fotográfica o sujeito pode ser levado a inúmeras e distintas percepções e leituras interpretativas.

5 REFERÊNCIAS

- BERGER, Peter L. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- COELHO NETO. J. Teixeira. **Semiótica, informação e comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- FOUCAULT, Michael. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária. 7. ed. 2002.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciado em 2 de dezembro de 1970. 15. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- LANE, Silvia Meurer. **O que é psicologia social?** São Paulo: Ed. Brasiliense, 2006.
- LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1976.
- MINAYO, M. C. de S. **Teoria, método e criatividade**. 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- NÖTH, Winfried; SANTAELLA, Lúcia. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- ORLANDI, E. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2013
- SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: O Sensível e o Dizível: A Construção de Significados a Partir da Imagem.

Coordenador (a): Marcia Andrea dos Santos.

Pesquisador(a): Luana dos Santos Lima.

1. Natureza da pesquisa: Você é convidado a participar desta pesquisa, que tem como finalidade investigar: **como se dá a participação do sujeito leitor na formação de sentidos da fotografia?** Sendo assim o objetivo do estudo consiste em realizar uma análise discursiva dos significados criados pelos sujeitos a partir da imagem fotográfica sobre a violência na infância.

2. Participantes da pesquisa: Sujeitos adultos escolhidos aleatoriamente.

3. Envolvimento na pesquisa: Ao participar deste estudo você responderá um questionário semiaberto sobre o tema de pesquisa. Você tem a liberdade de se recusar a participar e pode, ainda, se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você. No entanto, pedimos sua colaboração em completar o roteiro de perguntas que lhe será solicitado, garantindo o melhor resultado da pesquisa.

4. Sobre o questionário: Será feito em forma de entrevista e necessitará aproximadamente de 15 minutos. Será solicitado que você forneça algumas informações básicas e que responda algumas perguntas. O questionário não exige identificação pessoal e esta não será utilizada em divulgações da pesquisa.

5. Riscos e desconforto: A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme resolução n. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferecem riscos à sua dignidade.

6. Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são confidenciais. Apenas os membros do grupo de pesquisa terão conhecimento dos dados, sendo utilizados apenas a fim de pesquisa.

7. Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre as questões relativas ao tema da pesquisa.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto, preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Nome Completo: _____

RG: _____ Data de Nascimento: ___/___/_____

Telefone: _____

Endereço: _____ CEP:

_____ Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura: _____ Data: ___/___/_____

Nome Completo: _____

RG: _____ Data de Nascimento: ___/___/_____

Telefone: _____

Endereço: _____ CEP:

_____ Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura: _____ Data: ___/___/_____

Nome Completo: _____

RG: _____ Data de Nascimento: ___/___/_____

Telefone: _____

Endereço: _____ CEP:

_____ Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura: _____ Data: ___/___/_____

Nome Completo: _____

RG: _____ Data de Nascimento: ___/___/_____

Telefone: _____

Endereço: _____ CEP:

_____ Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura: _____ Data: ___/___/_____

Nome Completo: _____

RG: _____ Data de Nascimento: ___/___/_____

Telefone: _____

Endereço: _____ CEP:

_____ Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura: _____ Data: ___/___/_____

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

APÊNDICE B

ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. Que tipo de foto é esta, ela mostra uma situação real?
2. O que sugerem/indicam/simbolizam seus principais aspectos (gestos, atitudes, expressões, cores, efeitos)?
3. A ação fotografada evoca um desdobramento narrativo? Como?
4. Ao olhar para a fotografia, quais são os sentimentos que predominam?